



ARAUTOS DO FIM ANGELHO

Nº 280 - Setembro 2026



“Deus não morre!”

Flashes
de Fátima



Aos impacientes

É preciso admoestar de modo diferente os impacientes e os pacientes.

É preciso dizer aos impacientes que, negando-se a frear a própria impetuosidade, ver-se-ão arrastados a muitos abismos de iniquidade que eles não teriam procurado, porque o furor empurra a alma para onde ela não desejaria, e esta, perturbada, age sem saber o que está fazendo, lamentando-se somente depois de dar-se conta do que fez. É preciso também dizer aos impacientes que, precipitando-se sob o impulso de suas paixões, agem como se estivessem fora de si mesmos, e então, com dificuldade, se dão conta do mal feito. Quando não opõem resistência alguma àquilo que os perturba, desfiguram até mesmo o bem que eles haviam realizado com ânimo tranquilo, e por um impulso repentino destroem tudo o que haviam construído com grande esforço, durante muito tempo. [...]

Por outro lado, é preciso exortar os pacientes a não queixar-se interiormente pelo que suportam exteriormente. Eles oferecem externamente um sacrifício perfeito, de grande valor; que, interiormente, não deixem que o veneno do mal o corrompa. Os homens não se dariam conta, mas o olhar divino descobre o pecado, e a queixa seria uma falta tanto mais grave porque, diante dos homens, assume as aparências da virtude. É preciso, portanto, dizer aos homens pacientes que procurem amar aqueles que devem suportar; não aconteça que o amor não acompanhe a paciência, e assim a virtude manifestada se transforme num pecado pior, de ódio.

SÃO GREGÓRIO MAGNO.

Regra pastoral. Parte III, c.9



Dario Iallore

São Gregório Magno - Abadia de Belmont,
Hereford (Inglaterra)

Flashes de Fátima

Revista da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXVIII nº 280 - Setembro 2026

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Sílvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. João XXI, 11 - 1º Esq.
1000-298 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97
ISSN 3051-6757

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 10.000 exemplares

SUMÁRIO

➤ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➤ EDITORIAL	
Deus é invencível!	5
➤ A VOZ DOS PAPAS	
Mártires de ontem, de hoje, de sempre.....	6
➤ A LITURGIA DOMINICAL	
Correção fraterna: requinte de amor	8
Perdoar: a "fraqueza" de Deus	9
Sempre é tempo de conversão!	10
Divina pedagogia ao corrigir	11
➤ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Vítima expiatória	12
➤ TEMA DO MÊS – MARTÍRIO	
Testemunho, holocausto e glória!	16
Sangue dos mártires, semente de cristãos. ...	19
➤ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Graças da Igreja nascente	22
➤ SÃO TOMÁS ENSINA	
O mais perfeito dos atos humanos?	25
➤ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Gabriel García Moreno – A promessa venceu o vulcão.	26
➤ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
Santa Teresinha do Menino Jesus – Mártir do amor	30
➤ VIDA DOS SANTOS	
São Pedro Claver – Sacerdote, apóstolo e... escravo!	34
➤ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Testemunhar a verdade com altivez e destemor	37
➤ DONA LUCILIA – LUZES DE UMA MATERNAL INTERCESSÃO	
Remédio para todos os males	38
➤ ARAUTOS NO MUNDO	42
➤ VERDADES CATÓLICAS	
O Santíssimo Nome de Maria – Reflexo de uma missão celeste	46
➤ VOCÊ SABIA... ..	49
➤ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Cartas e "e-mails", autógrafos e automatismos	50



TheDigitalArtist / Pixabay

19 Por que é belo
o martírio?



Stéfano Gavilanes

26 Deus não morre, nem a
promessa da Virgem



Reprodução

30 Podemos ser mártires
no dia a dia?



Arquivo Revista

50 Há lugar para cartas
na era digital?

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Trabalho numa padaria que abre aos domingos. Estou pecando contra o Terceiro Mandamento se sigo nesse emprego?

João Fernandes – São Paulo (Brasil)

Ensina o *Catecismo da Igreja Católica* que “o agir de Deus é o modelo do agir humano. Se Deus ‘descansou’ no sétimo dia (cf. Ex 31, 17), o homem deve também ‘descansar’ e deixar que os outros, sobretudo os pobres, ‘tomem fôlego’” (CCE 2172). Por isso, no Antigo Testamento, guardava-se o sábado.

A Fé Católica traz uma nova consideração: Jesus ressuscitou dos mortos “no primeiro dia da semana” (Mc 16, 2), isto é, no domingo. Assim, “o dia da ressurreição de Cristo lembra a primeira criação” e, sendo também o “oitavo dia”, porque seguinte ao sábado, “significa a nova criação, inaugurada com a ressurreição de Cristo”; por isso, o domingo “tornou-se para os cristãos o primeiro de todos os dias, a primeira de todas as festas, o dia do Senhor” (CCE 2174).

Quanto à obrigação de participar da Santa Missa, o *Código de Direito Canônico* instrui que “satisfaz ao preceito de participar da Missa quem assiste à Missa em qualquer lugar onde é celebrada em rito católico, no próprio dia de festa ou na tarde do dia anterior” (CIC, cân. 1248, § 1). Ademais, cabe aos fiéis reservar um tempo para a oração e descanso dominical.

Pois bem, como proceder em seu caso, uma vez que você trabalha “numa padaria que abre aos domingos”?

Leciona ainda o *Catecismo*: “Aos domingos e outros dias festivos de preceito, os fiéis abstenham-se de trabalhos e negócios que impeçam o culto devido a Deus, a alegria própria do Dia do Senhor, a prática das obras de misericórdia ou o devido repouso do espírito e do corpo”, mas acrescenta que as “necessidades familiares ou uma grande utilidade social constituem justificações

legítimas em relação ao preceito do descanso dominical” (CCE 2185).

Nesse sentido, no Evangelho de São Lucas, Jesus lança ainda um inquietante questionamento: “Pergunto-vos se no sábado é permitido fazer o bem ou o mal; salvar a vida, ou deixá-la perecer” (6, 9). E Santo Agostinho esclarece que “o amor da verdade procura o ócio santo: a necessidade do amor aceita o negócio justo” (*De civitate Dei*. L.XIX, c.19).

Por fim, permita-me dar um conselho bem concreto: quando não lhe for possível participar da Santa Missa aos domingos ou festas de preceito, primeiramente procure outros horários alternativos no próprio dia, ou mesmo na tarde do dia anterior. Ademais, caso seu empregador seja católico ou sensível a questões religiosas, converse sobre a possibilidade de lhe conceder uma adequada pausa para o cumprimento do preceito dominical.

Ainda assim, se for impossível encontrar horário para cumprir o preceito dominical, não há razão para afligir-se, pois o imperativo de sustentação da família ou o cuidado de um enfermo, entre outros exemplos, constitui causa grave suficiente para dispensá-lo do cumprimento dessa norma da Igreja (cf. CIC, cân. 1248, § 2).

Contudo, para a adequada formação da consciência e a fim de evitar laxismos, sugiro-lhe procurar seu Bispo ou seu pároco para explicar a situação, pois eles podem dispensá-lo do preceito dominical nesses casos, indicando como comutação, por exemplo, a prática de outra obra piedosa (cf. CIC, cân. 1245). Quanto ao descanso dominical, necessário para o corpo – repouso físico – e para a alma – dedicação à oração e ao estudo da doutrina e da espiritualidade católicas –, procure fazê-lo em outro dia. ✠



Gabriel García
Moreno, por
Luis Cadena

Foto: Reprodução

DEUS É INVENCÍVEL!

Todo homem deseja Deus. Como a corça sedenta por água, a alma humana anela pelo Criador (cf. Sl 41, 2). O pecado original introduziu, porém, uma desordem interior que confunde esse desejo natural, levando os filhos de Adão a buscar outros “deuses”: fama, bens materiais, prazeres... até chegar ao paroxismo de querer matar o Imortal. Assim esbraveja o insensato: “Não há Deus” (Sl 52, 2), pois, se existisse, nada me seria permitido!”

O Antigo Testamento sintetiza essa contradição: a Torre de Babel desafia o Altíssimo (cf. Gn 11, 4); Sodoma prefere a lascívia à conversão (cf. Gn 19, 4-9); e o povo, ao escambiar “Aquele que é” (Ex 3, 14) pelo bezerro de ouro (cf. Ex 32, 1-6), escolhe “aquele que não é”. A maldade desse “povo de coração desviado” (Sl 94, 10) desconhece limites: matam até os profetas (cf. Mt 23, 37) na tentativa de eliminar o Autor da Vida.

Em resposta, o próprio Verbo Se encarna e habita com os homens. O Eterno vive entre nós! E qual é a reação da humanidade? Chamam Jesus de glutão e bebedor por cear com gente simples, de amigo de pecadores por oferecer salvação (cf. Mt 11, 19), e de “Belzebu” por expulsar demônios (cf. Mt 12, 24). A hostilidade do sinédrio culmina no deicídio: Crucifica-O!

No entanto, a morte não tem poder sobre Ele (cf. Rm 6, 9). Identificando-Se com “a Ressurreição e a Vida” (Jo 11, 25), Cristo vence a morte. Após a Ascensão, o Redentor não nos abandona, mas transfigura sua presença, continuando vivo em seu Corpo Místico, a Igreja, imortal como Ele por promessa divina: “As portas do inferno não prevalecerão” (Mt 16, 18).

Ademais, o Onipotente habita na alma do justo, morada da Trindade. Convictos disso, uma plêiade de mártires preferiu a morte a perder a amizade com Deus. Quer Lourenço na brasa, quer Inácio devorado pelas feras, o testemunho deles brada em uníssono: Deus não morre! E os Santos, da mesma forma, vivem para sempre, intercedendo pela Igreja e servindo de exemplo; para eles “morrer é lucro” (Fl 1, 21).

Ao longo dos séculos, um sem-número de impostores tentou expulsar Deus da sociedade. A descristianização iniciada no fim da Idade Média conduziu a uma crescente mudança de mentalidade, cujos valores, já não embebidos pelo Preciosíssimo Sangue de Cristo, passaram a estar sempre mais coalhados de um paganismo sem precedentes.

Disso sucederam as três grandes revoluções e seus bordões. Da Revolução Protestante, que proclamou “Cristo sim, a Igreja não”, avançou-se para a Revolução Francesa, com o seu “Deus sim, Cristo não”, até se chegar à Revolução Comunista, que finalmente disparou “o grito ímpio: Deus está morto; e até, Deus jamais existiu!” (Pio XII. *Discurso*, 12/10/1952).

Mas como o homem pode pretender substituir a Igreja? Guilhotinar o Imortal? Decretar os funerais de Deus? Alerta-se que isso não é coisa do passado: ainda assistimos ao banimento do Divino Mestre das escolas, do Supremo Legislador dos tribunais e, enfim, do Rei do Universo de toda a esfera pública...

Ante aqueles que, com ódio luciferino, miram a extirpação do sagrado, haverá sempre homens fiéis que continuarão a ecoar a imprecação de São Miguel: “Quem como Deus?” Se a morte se aproximar, ressoarão também o brado do presidente equatoriano García Moreno: “Deus não morre!” E quando seus corações não mais palpitem, seus corpos inertes exclamarão em silêncio: “Deus é invencível!” ✠



Mártires de ontem, de hoje, de sempre...

Sua morte, incompreensível aos olhos humanos, é preciosa diante de Deus; a glória de sua fidelidade é estímulo para a nossa vida.

SANGUE DOS MÁRTIRES: SEMENTE DE CRISTÃOS

Os monumentos e as ruínas da antiga Roma falam à humanidade acerca dos sofrimentos e das perseguições suportados com fortaleza heroica pelos nossos pais na Fé, os cristãos das primeiras gerações. Estes antigos vestígios recordam-nos quanto são verdadeiras as palavras de Tertuliano, que escrevia: “*Sanguis martyrurum, semen christianorum* – O sangue dos mártires é semente de [novos] cristãos”. A experiência dos mártires e das testemunhas da Fé não é uma característica exclusivamente da Igreja dos primórdios, mas delineia todas as épocas da sua História.

SÃO JOÃO PAULO II.
Homilia, 7/5/2000

PRIMEIROS CRISTÃOS: PERSEGUIDOS PELO NOME DE CRISTO

A simples menção de seu nome [de cristãos] já lhes atraía uma declaração de guerra; e os cristãos, pelo mero fato de serem cristãos – e não por qualquer outra razão –, viam-se forçados a escolher entre duas alternativas: a apostasia ou o martírio. As mesmas calúnias e as mesmas perseguições mais ou menos se repetiram contra eles nos séculos seguintes, sempre que havia governos

irracionalmente zelosos de seu poder e intencionalmente hostis à Igreja.

LEÃO XIII.

Au milieu des sollicitudes, 16/2/1892

SUA MORTE INCUTIA ENTUSIASMO ESPIRITUAL

Trata-se de uma multidão inumerável, que a Liturgia chama “o cândido exército dos mártires – *martyrum candidatus exercitus*”. A sua morte não incutia receio nem tristeza, mas entusiasmo espiritual que suscitava sempre novos cristãos. Para os crentes, o dia da morte, e ainda mais o dia do martírio, não é o fim de tudo, mas a “passagem” para a vida imortal, é o dia do nascimento definitivo, em latim *dies natalis*.

BENTO XVI.

Angelus, 26/12/2006

IMAGEM VIVA DE DEUS PARA O MUNDO

Os Apóstolos e mártires de Cristo que, derramando o próprio sangue, deram o supremo testemunho de fé e de caridade, sempre a Igreja acreditou estar mais ligados conosco em Cristo, os venerou com particular afeto, juntamente com a Bem-Aventurada Virgem Maria e os Santos Anjos, e implorou o auxílio da sua intercessão. [...] É sobre-

tudo na vida daqueles que, participando conosco da natureza humana, se transformam, porém, mais perfeitamente à imagem de Cristo, que Deus revela aos homens, de maneira mais viva, a sua presença e a sua face. Neles nos fala, e nos dá um sinal do seu Reino.

SÃO PAULO VI. *Lumen gentium*,
Concílio Vaticano II, 21/11/1964

O MARTÍRIO CONTINUA A DIFUNDIR O EVANGELHO

Muitos irmãos e irmãs, ainda hoje, por causa do seu testemunho de fé em situações difíceis e contextos hostis, carregam a mesma cruz do Senhor: como Ele, são perseguidos, condenados, mortos. [...] São mulheres e homens, religiosos e religiosas, leigos e sacerdotes, que pagam com a vida a fidelidade ao Evangelho. [...] O seu martírio continua a difundir o Evangelho num mundo marcado pelo ódio, pela violência e pela guerra; é uma esperança cheia de imortalidade, porque, apesar de terem sido mortos no corpo, ninguém poderá silenciar a sua voz ou apagar o amor que deram; é uma esperança cheia de imortalidade, porque o seu testemunho permanece como profecia da vitória do bem sobre o mal.

LEÃO XIV.

Homilia, 14/9/2025

ASSOCIADOS AO SACRIFÍCIO REDENTOR DE CRISTO

Acompanhamo-los não só com paternal amor, mas com paterna veneração, pois sabemos que o altíssimo ofício de missionário é muitas vezes exaltado à dignidade do martírio. Jesus Cristo, o primeiro mártir, predisse: “Se Me perseguiram, perseguir-vos-ão também a vós” (Jo 15, 20). [...] Os arautos e pregoeiros da doutrina e moral cristãs, que longe dos lares pátrios tombam feridos de morte no desempenho do seu santíssimo ministério, são como sementes, das quais, a um sinal de Deus, hão de germinar frutos abundantíssimos.

PIO XII.
Evangelii præcones, 2/6/1951

NUNCA ARREBATARÃO A FÉ DAQUELES QUE PERSEVERAM

Embora os homens possam tirar-lhes a liberdade, submetê-los a tormentos, expô-los ao desprezo público, lançá-los na prisão, condená-los até mesmo à morte, não podem, no entanto, arrancar a fé católica de seus corações nem manchar sua consciência. Poderão fazer mártires, se quiserem; mas não poderão fazer traidores da Religião cristã – como esperamos e pedimos a Deus em nossas orações –, desde que todos, com vontade firmíssima, sejam perseverantes na obediência às leis de Deus e da Igreja.

PIO XII.
Impensiore caritate, 28/10/1951

GLÓRIA DA IGREJA E VERGONHA DE SEUS ADVERSÁRIOS

Que triunfo mais resplandecente poderia haver, portanto, para a Igreja e para a Religião? Que vergonha maior para aqueles que a perseguem do que ver, mesmo nestes tempos, confirmadas nos fatos as promessas divinas de proteção e ajuda eternas, pelas quais – nas palavras de São Leão – “a Religião fundada no sacramento da Cruz

de Cristo não pode ser destruída por nenhum tipo de crueldade”?

GREGÓRIO XVI.
Probe nostis, 18/9/1840

TODO CRISTÃO É CHAMADO A RESISTIR E A PERSEVERAR

Fazer e sofrer grandes coisas é próprio da coragem cristã, que Deus mesmo recompensará com um prêmio imensamente grande, a bem-aventurança eterna. Se realmente queremos tender mais e mais, a cada dia, à perfeição da vida cristã, essa coragem implica sempre algo de martírio. Pois não é apenas com o derramamento do sangue que damos a Deus o testemunho de nossa fé, mas também resistindo com fortaleza e constância às seduções do vício e consagrando inteira e generosamente tudo quanto somos e temos àquele que é nosso Criador e Redentor, e que um dia será nossa alegria sem fim no Céu.

PIO XII.
Invicti athletæ Christi, 16/5/1957

QUE A VIRGEM SANTA NOS CONSOLE E SUSTENTE

A perseguição aos cristãos não acontece apenas com armas e maus-tratos, mas também com as palavras, ou seja, através da mentira e da manipulação ideológica. [...] Ao longo de toda a História da Igreja, são principalmente os mártires que nos lembram que a graça de Deus é capaz de transfigurar até mesmo a violência em sinal de redenção. Por isso, unindo-nos aos nossos irmãos e irmãs que sofrem pelo nome de Jesus, procuremos com confiança a intercessão de Maria, Auxílio dos cristãos. Em todas as provações e dificuldades, que a Virgem Santa nos console e sustente.

LEÃO XIV.
Angelus, 16/11/2025

Apesar de terem sido mortos no corpo, seu testemunho permanece como profecia da vitória do bem sobre o mal

Nesta página e na anterior, Bem-Aventurados por Puccio di Simone - Galeria Nacional, Parma (Itália)

RAINHA DOS MÁRTIRES UNIDA À PAIXÃO DE CRISTO

Foi ela, a Imaculada, isenta de toda a mancha original ou atual, e sempre intimamente unida com seu Filho, que, como outra Eva, juntamente com o holocausto dos seus direitos maternos e do seu materno amor, O ofereceu no Gólgota ao Eterno Pai por todos os filhos de Adão, manchados pela sua queda miseranda [...]. Ela finalmente, suportando com ânimo forte e confiante imensas dores, verdadeira Rainha dos Mártires, mais que todos os fiéis, completou “o que falta à paixão de Cristo [...] pelo seu Corpo que é a Igreja” (Cl 1, 24) e assistiu o Corpo Místico de Cristo, nascido do Coração rasgado do Salvador.

PIO XII.
Mystici Corporis, 29/6/1943

MÃE QUE VELA PELOS PERSEGUIDOS

Maria, que estreitou entre os braços o Redentor em Belém, sofreu também Ela o martírio interior. Partilhou a sua Paixão e teve que O estreitar, mais uma vez, quando foi descido da Cruz. A esta Mãe, que conheceu a alegria do nascimento e a dor lancinante da Morte do seu Filho Divino, confiamos quantos são perseguidos e sofrem, de várias formas, para testemunhar e servir o Evangelho.

BENTO XVI.
Angelus,
26/12/2006



Francisco Lecaros



6 de setembro – XXIII Domingo do Tempo Comum

(Ez 33, 7-9; Sl 94; Rm 13, 8-10; Mt 18, 15-20)

Correção fraterna: requite de amor



✠ Pe. Luiz Alexandre de Souza, EP

O trecho do Evangelho desta Liturgia dominical encontra-se entre dois excertos que lhe conferem pleno significado. Primeiramente, a advertência que o antecede: “É vontade do vosso Pai, que está nos Céus, que não se perca nenhum desses pequeninos” (Mt 18, 14).

Ao ditar as normas para a correção fraterna, neste domingo, o Divino Mestre elenca alguns poderes conferidos aos seus discípulos: julgar os pecadores públicos, ligar e desligar na terra e no Céu, impetrar infalivelmente junto a Deus e torná-Lo presente onde os fiéis se reúnem em seu nome. Todas essas faculdades, entretanto, ordenam-se ao fim último da Igreja: a salvação das almas.

Esta é tão desejada por Deus que, como atesta a primeira leitura deste domingo, Ele impõe a Ezequiel a obrigação de advertir o pecador, de cuja salvação eterna o profeta prestará contas caso se omita. Avançando dois versículos além dos designados para esta Liturgia, encontramos: “Por minha vida – oráculo do Senhor Deus – não quero a morte do ímpio, mas antes que ele volte de seu caminho e viva!” (Ez 33, 11). Trata-se, pois, da correção fraterna preceituada já no Antigo Testamento, com vistas à mudança de conduta e consequente salvação.

O motor e a razão de ser dessa correção são indicados por São Paulo na segunda leitura: o amor, do qual dependem todos os Mandamentos. Como isso

se difere da mentalidade contemporânea, que confunde amor com aceitação passiva do erro alheio! A presente conjugação de textos sagrados ensina o contrário: amar alguém é fazer o possível para que nele se realizem os desígnios divinos, sobretudo o ajudando a evitar o pecado.

No modo progressivo com que Jesus ordena que se proceda a correção transparece a caridade: primeiro, corrigir a sós, em particular – “Se ele te ouvir, tu ganhaste o teu irmão” (Mt 18, 15). Tendo faltado docilidade a essa secreta admoestação, a presença de testemunhas ainda pode convencer o faltoso a abandonar o mau caminho. Contudo, se nem assim ele se emendar, então a caridade se reveste de um caráter mais amplo: pela virtude da justiça, o culpado obstinado é punido e tratado como pecador público, a fim de se evitar o escândalo e se dissuadir os incautos.

Entretanto, sempre paira sobre o pecador, caso se arrependa, a possibilidade do perdão, principal meta da correção fraterna. Desse perdão ilimitado o Divino Redentor falará na perícopie seguinte, servindo-Se da eloquente parábola do devedor implacável (cf. Mt 18, 21-35).

Assim, pela disposição dessas passagens evangélicas, o Divino Mestre nos ensina que a correção fraterna nasce do desejo de salvar as almas e desabrocha no perdão, ambos frutos requintados do amor, o qual, por sua vez, “é o cumprimento perfeito da Lei” (Rm 13, 10). ✠



Davi é repreendido pelo profeta Natã -
Catedral de Santo Ambrósio, Vigevano (Itália)

*A correção
fraterna,
longe de ser
um juízo
condenatório,
é a suprema
expressão
do amor que
busca evitar
o pecado e
salvar as
almas*

Perdoar: a “fraqueza” de Deus

Pe. Marcos Faes de Araújo, EP



A máxima da lei de talião “olho por olho, dente por dente” regeu o relacionamento social dos povos antigos. Tão grande foi a sua influência como padrão moral que até o povo eleito – receptáculo da Revelação e da expectativa messiânica – deixou-se guiar por essa mentalidade cruel, negligenciando o sublime preceito de amar o próximo como a si mesmo, já prescrito por Moisés (cf. Lv 19, 18).

Por outro lado, o convívio íntimo com Cristo levou os Apóstolos a testemunharem um insondável oceano de bondade em relação a todos os que d’Ele se aproximavam com o coração contrito: leprosos, cegos e paráliticos eram curados, possesores libertados, mortos ressuscitados... Sobretudo, os pecadores eram perdoados, recuperando a amizade com Deus e, conseqüentemente, o inestimável dom da paz interior!

O Divino Mestre inaugurava, assim, um novo paradigma no relacionamento entre Deus e os homens: “Aprendeí de Mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29). Esse novo modelo exigia dos Apóstolos uma mudança radical de vida, uma verdadeira *metanoia*. Tratava-se de conformar a própria existência ao modelo de perfeição evangélica, fundado na renúncia ao amor-próprio e inteiramente voltado à glória de Deus e ao bem das almas.

É nesse contexto que se insere a indagação de São Pedro, registrada na Liturgia deste domingo: “Senhor, quantas vezes devo perdoar, se meu irmão pecar contra mim? Até sete vezes?” (Mt 18, 21).

A resposta de Nosso Senhor é eloquente: deve-se perdoar não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete! Naquela cultura, o número sete simbolizava plenitude. A multiplicação desses números enfatiza a necessidade de um perdão ilimitado.

Para ilustrar essa exigência, Jesus apresenta a parábola do empregado perdoado de uma “enorme fortuna” (Mt 18, 24). O texto grego, mais preciso,

fala em dez mil talentos, um montante astronômico equivalente a centenas de toneladas de prata ou a milhões de jornadas de trabalho!... Para a época, tratava-se de uma dívida impossível de ser liquidada pelo esforço humano.

Algo semelhante se dá em relação ao Reino dos Céus: no plano salvífico, toda criatura deve uma quantia impagável ao Criador. O pecado original e as nossas faltas, por ofender o Ser Infinito, adquirem também gravidade infinita. Somente pelos méritos do Preciosíssimo Sangue do Redentor, vertido por amor à humanidade, nossa dívida é quitada e o Paraíso reaberto. A condição inegociável para a obtenção desse perdão consiste na imitação de Cristo, ao perdoar – ainda que de forma incomparavelmente inferior – aqueles que nos ofendem.

O mesmo princípio pode ser aplicado, *mutatis mutandis*, ao triste estado da humanidade contemporânea. Unicamente por um imenso e gratuito perdão do Coração de Jesus, obtido a rogos de sua Santíssima Mãe, o mundo se reerguerá, arrependido, para a autêntica Fé. As grandiosas promessas de Fátima – “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará!” – apontam para o reinado de Maria e de seu Divino Esposo, enquanto realização plena da súplica do Filho de Deus ao Eterno Pai: “Venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu” (cf. Mt 6, 10). ✠

*À imitação
do Divino
Coração, um
novo para-
digma de rela-
cionamento
surgiu entre
os homens*



Sagrado Coração de Jesus -
Coleção particular

Sempre é tempo de conversão!

Pe. Celio Luís Casale, EP



A parábola dos operários revela a infinita misericórdia divina que convida todos, em qualquer tempo, a trabalhar na vinha do Senhor

É durante o seu último itinerário a Jerusalém que Nosso Senhor Jesus Cristo profere a parábola dos operários da vinha. Nela o Salvador revela o extremo de bondade que emana de seu Divino Coração.

No labor da colheita, era necessário um bom número de trabalhadores extras. Assim, o pai de família sai, por diversas vezes, à busca de operários ao longo do dia. De modo análogo, Deus procede conosco: em certo momento de nossa vida, Ele nos convida a trabalhar na sua vinha. Eis a súplica amorosa, repleta de esperança e de perdão, para que “abandone o ímpio seu caminho, [...] volte para o Senhor, que terá piedade dele” (Is 55, 7). Quanta benevolência!

Contudo, como observa Fillion, “não são todos que começam a trabalhar em sua salvação e santificação na mesma época de sua vida. Alguns o fazem na primeira hora, a infância; outros, na juventude; outros ainda, na idade madura; e alguns iniciam quando já se manifestam os sinais precursores da morte”.¹ Não importa o momento em que a graça nos alcançou: se na primeira ou na última hora. O prêmio para todos será insuperável. O que vale é a prontidão de nosso “sim!”: “Felizes os operários da primeira hora, que só tenham vivido para Deus! Felizes também aqueles que, tendo ouvido em qualquer época da vida o chamado da graça, correspondem a ele e acorrem para junto de seu Salvador, a fim de trabalhar com Ele e para Ele!”²

Deus não desiste de nenhum de nós. Se o demônio do desânimo sugerir que nossas faltas nos tornam indignos, lembremo-nos de que os pensamentos do Senhor estão tão acima dos nossos

“quanto está o céu acima da terra” (Is 55, 9). A contabilidade divina não se rege pela lógica humana: a misericórdia do Coração de Jesus cobre uma multidão de pecados. Deus não é “patrão” que remunera pelo mérito laboral; Ele é Pai que convoca a todos para o Céu. Basta-nos dizer “sim!”

Mesmo se dissermos “sim!” e depois mudarmos para um “não!”, nem assim podemos desanimar, pois a graça nunca nos abandona! Se cairmos nas sendas tortuosas e malditas do pecado, haverá sempre um Pai aguardando o nosso retorno. O convite para trabalhar na vinha do Senhor só expira quando exalamos o último alento.

Portanto, “ninguém deve desanimar, se tiver deixado para muito tarde o preocupar-se com sua salvação, pois para todos a misericórdia de Deus reserva um prêmio. No entanto, também é necessário atender logo à convocação de Jesus, de maneira decidida. Nenhum dos chamados ao trabalho, nesta parábola, chegou a propor um horário mais tardio, mas imediatamente se pôs a trabalhar. Nenhum também recusou. Assim devemos proceder nós: não devemos retardar o nosso ‘sim’ ao chamado do Mestre”.³

As dificuldades e o *pondus diei et æstus* – o peso e o calor do dia (cf. Mt 20, 12) – são inevitáveis, mas a recompensa demasiadamente grande reservada para nós no Céu supera qualquer sacrifício padecido nesta terra. ✠

¹ FILLION, Louis-Claude. *Vida de Nuestro Señor Jesu-cristo: Vida pública*. Madrid: Rialp, 2000, v.II, p.435.

² Ibid.

³ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. O verme roedor da inveja. In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiæ, 2013, v.II, p.352.

“A parábola dos trabalhadores da vinha”, por David Teniers II, o Jovem - New York Historical, Nova York

Divina pedagogia ao corrigir



✠ Pe. Pablo Luis Werner Benjumea, EP

A Liturgia deste domingo apresenta-nos o trecho do Evangelho de São Mateus no qual Nosso Senhor Jesus Cristo, após a expulsão dos vendilhões do Templo e a resposta aos chefes dos judeus sobre a sua autoridade (cf. Mt 21, 12-13; 23-27), faz uma advertência contundente aos sumos sacerdotes e aos anciãos: os publicanos e as meretrizes precedê-los-ão no Reino dos Céus. Estes pecadores, de fato, creram em João Batista, enquanto aqueles empedernidos recusaram peremptoriamente o precursor.

A comparação é, sem dúvida, humilhante para aqueles líderes religiosos. Por que o Senhor utiliza uma linguagem tão severa? Falta de amor? Muito pelo contrário: trata-os assim precisamente porque os ama.

O Divino Artífice ama suas criaturas (cf. Sb 11, 24) e quer que todos os homens se salvem (cf. I Tm 2, 4). A Santíssima Trindade conheceu desde sempre aqueles membros do Sinédrio, os escolheu e os criou para que, como autoridades do povo eleito, glorificassem a Deus em suas vidas e se unissem a Ele. Para esse fim, o Filho haveria de Se encarnar e, “assumindo a condição de escravo” (Fl 2, 7), sofrer a Paixão e morrer na Cruz. Não há maior prova de amor (cf. Jo 15, 13).

Ora, para Deus não somos meros números; somos filhos. Assim, como bom Pai, o Senhor adapta a sua pedagogia ao temperamento, às circunstâncias, à situação espiritual de cada um, mesmo na reprimenda.

Podemos contemplar nos Santos Evangelhos diversas formas de correção. Com alguns, Jesus usa expressões duras: repreende Pedro, chamando-o de “satanás” (Mt 16, 23); denuncia a hipocrisia dos fariseus, comparando-os a “sepulcros caiados” (Mt 23, 27) e “serpentes, crias de víboras” (Mt 23, 33). Com outros, porém, é indulgente: perdoa a mulher adúltera, exortando-a a não pecar mais (cf. Jo 8, 11); ensina Marta a não se inquietar com tantas coisas, pois uma só é necessária

(cf. Lc 10, 41-42); procura incessantemente salvar inclusive Judas, até o último momento, ao questioná-lo sobre a traição no Horto das Oliveiras (cf. Lc 22, 48).

Esse amor infinito custou ao Redentor a própria Paixão e Morte ignominiosa. Diante disso, como agimos? Omitimos a correção por medo das consequências, com receio, por exemplo, de perder uma amizade? E, quando corrigimos, buscamos de fato o bem do próximo, ou apenas descarregamos sobre ele o nosso orgulho? Por fim, aceitamos com humildade a correção que nos fazem, ou nos rebelamos, nos escusamos?

Roguemos à Virgem Maria que interceda por nós junto ao seu Divino Filho, a fim de obtermos graças superabundantes para ter um coração como o d’Ele: cheio de amor, desinteressado, forte, compassivo, paciente e humilde. Desse modo, poderemos realmente participar do “mesmo sentimento que existe em Cristo Jesus” (Fl 2, 5). ✠

Deus trata de modo individualizado cada um de nós. Façamos o mesmo!



Francisco Lecaros

“Cristo e a mulher adúltera”,
por Rocco Marconi - Galeria Corsini, Roma



Vítima expiatória

Vocação sublime que a Providência faz sentir clara no fundo da alma, a vítima expiatória, seguindo o exemplo de Nosso Senhor, entrega voluntariamente sua própria vida a fim de sofrer pela causa de Deus e pelo benefício das almas.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Sabemos que no Antigo Testamento o modo de reparar as ofensas feitas contra Deus consistia em oferecer uma vítima, imolando-a com derramamento de sangue, símbolo da vida. Esse sacrifício aplacava a cólera divina e trazia como consequência a reparação da mancha adquirida (cf. Lv 5, 15-26).

Nas Sagradas Escrituras encontramos muitas figuras a esse respeito, desde o Gênesis, no episódio em que Abraão, ao desamarrar Isaac e retirá-lo do altar, avista um cordeiro preso pelos chifres num arbusto e o sacrifica em lugar do filho (cf. Gn 22, 3-13), até a glorificação do

Cordeiro imolado narrada no Apocalipse (cf. Ap 5, 9-14).

Há, entretanto, no Livro do Levítico (cf. Lv 16, 10.20-22) a descrição de outro cerimonial que a Lei impunha aos judeus, desde a época de Moisés, e que todos os anos devia ser repetido no chamado Dia da Expição. A assembleia se reunia e traziam um bode preso. O sumo sacerdote aproximava-se e, colocando as mãos sobre a cabeça do animal, confessava todos os pecados cometidos pelo povo de Israel durante o ano inteiro. Depois conduziam o bode a um lugar isolado do deserto, onde era solto e deixado em liberdade como um ser maldito, carregado de ignomínias.

Nosso Senhor, a Vítima por excelência

Ora, devemos nos lembrar que todos os costumes e ritos da Antiga Lei eram de alguma forma prefigurativos do grande e único Sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Hb 9, 8-12).

Também a cena do bode expiatório sugere à mente uma ideia altamente expressiva, através de metáforas: o Deus de toda pureza, sem culpa alguma, apresenta-Se não mais como o Cordeiro Pascal

alvíssimo, limpo, perfumado e enfeitado com fitas, sacrificado para salvar nossas vidas, mas sob a imagem horrenda de um animal feio, sujo e malcheiroso, com as características da infâmia do pecado, coberto de clamores de maldição.

Muito mais que o Atlas da mitologia grega, sustentando nas costas a abóboda celeste, Jesus mostra-Se a nós arcando os ombros sob o triste, pesado e repugnante fardo de tantos crimes acumulados, não apenas pelo povo judeu, mas pela humanidade de todos os tempos e lugares... Sem emitir uma só queixa, o Redentor submeteu-Se a todos os tormentos que Lhe foram impostos pelos adversários, que O odiavam.

Longe de nós, entretanto, espantarmos com esse aspecto de Nosso Senhor, pensando tratar-se de um exagero, pois tudo isso é ainda inferior à realidade: não há palavras que expressem a gravidade infinita de toda falta mortal, por constituir uma desobediência formal ao Ser Eterno. Assim, uma vez que o pecado entrou no mundo, necessitávamos de uma vítima cujos méritos fossem também infinitos, “pois é impossível que o sangue de touros e bodes elimine pecados” (Hb 10, 4). Como fazer essa reparação?

Era preciso que o Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, tomando nossa carne e unindo a natureza divina à humana, assumisse sobre Si as misérias da humanidade e

Todos os costumes e ritos da Antiga Lei eram prefigurativos do grande e único Sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo

“Envio do bode expiatório”, por William James Webb (editado)



derramasse o seu próprio Sangue para reparar a ofensa feita ao Pai, reintroduzir em nós a vida sobrenatural e abri-
-nos as portas do Paraíso.

Oferecimento na Encarnação e na Apresentação no Templo

A partir do primeiro instante em que a sombra do Espírito Santo envolveu Maria e a Alma foi infundida no embrião a se constituir no claustro bendito e materno d'Ele, Jesus já possuía a mais alta e elevada compreensão de todo o passado, presente e futuro, pois sua Alma foi criada na visão beatífica. E, vendo a Deus face a face, Ele conheceu sua missão de Vítima e aceitou-a na liberdade de sua vontade humana, num holocausto lúcido e consciente.

Esse ato, o Salvador o renovou inúmeras vezes ao longo da vida, mas o momento auge deu-se no mistério da Apresentação. Quando seus pais O prepararam para levá-Lo ao Templo, e Ele lá entrou nos braços de Nossa Senhora, seu coraçãozinho de bebê de quarenta dias talvez tenha batido mais acelerado, porque ardia de emoção e desejo de entregar-Se.

Com efeito, desde a saída dos judeus do Egito, a Lei exigia que os primogênitos varões fossem apresentados ao sacerdote como oferta a Deus, o qual possuía direito de propriedade sobre eles, por tê-los salvado da praga exterminadora que matou os egípcios (cf. Ex 13, 2.14-15). Por isso, das mãos de sua Mãe o Menino passou para as do velho Simeão que, por revelação do Espírito Santo no fundo da alma, aguardava ver o Messias.

Ali, no Templo de Jerusalém, encontraram-se dois sacerdotes: Simeão e Jesus; porque não só o venerável ancião, enquanto ministro da Antiga Aliança, O ofereceu oficialmente, mas também o próprio Menino Se consagrou como Vítima expiatória ao Pai.

Ora, se Ele já pertencia a Deus Pai, por que quis sujeitar-Se a essa cerimônia? Porque desejava, desde a mais tenra idade, selar a Redenção do gênero humano e a derrota do mal.

Nossa Senhora compreendia perfeitamente o que se passava e também Ela O ofereceu, sabendo que nessa ocasião era possível resgatar seu Filho único por cinco siclos de prata (cf. Ex 13, 13; Nm 8, 17; 18, 15-16) e obtê-Lo de vol-



O exemplo de Jesus, Arquétipo de expiação em favor das almas, nos abre o caminho para com Ele nos oferecermos a Deus

“Apresentação do Menino Jesus no Templo”, por Giusto de Menabuoi - Catedral de Pádua (Itália)

ta, mas que chegaria o momento no qual Ela mesma consentiria em entregá-Lo no Calvário.

Magnífica e comovedora cena, assistida por todos os presentes, que ouviram as palavras de Simeão e perceberam tratar-se de algo completamente incomum.

No que consiste a vocação de vítima expiatória?

O exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, Arquétipo de expiação em favor

das almas, nos abre o caminho, convidando-nos a, com Ele, também expiar. Eis um dever que pouco meditamos e muitas vezes esquecemos: o da penitência voluntária pelas culpas próprias e dos nossos irmãos no mundo inteiro, misturando, de alguma forma, uma gota de nosso sangue no cálice do Redentor.

Quantas almas se purificaram pela penitência, como Davi, o rei-profeta, São Pedro, Santa Maria Madalena, Santo Agostinho! Outras, inocentes e ardorosas, como Santa Teresinha do Menino Jesus, imolaram-se tendo em vista um objetivo de louvor a Deus e dedicação total a Nossa Senhora!

Vítima expiatória por excelência é quem, diante de uma necessidade da causa de Deus e do benefício das almas, entrega, consciente e voluntariamente, sua própria vida, para produzir aquele efeito almejado. Trata-se de uma vocação muito específica e sublime, que a Providência faz sentir com clareza no fundo da alma. Nem todos são chamados a seguir essa via; cabe discernir se a inspiração provém da graça ou não, e procurar a orientação de um superior.

No entanto, segundo a Teologia,¹ para uma pessoa ser considerada vítima expiatória não é necessário que o oferecimento seja explícito e formal; basta enunciá-lo de modo genérico, conformando-se com a vontade de Deus e deixando nas mãos d'Ele fazer de si tudo quanto queira: tirar a vida, prostrar numa cama, deixar paralítico, cego, mudo, surdo...

Mas, em geral – dizem também os teólogos –, todos aqueles que fazem um oferecimento real e válido, e são colhidos pela Providência, não relacionam os tormentos pelos quais passam ao oferecimento feito e até se esquecem dele! Então sofrem com a dúvida e, na honestidade de sua consciência, julgam mere-

cer esse “castigo” em razão das falhas cometidas na vida passada.²

A Providência assim o permite porque, se a pessoa tivesse aqui na terra clara noção de ter sido aceita a sua oferta, tudo tornar-se-ia fácil, a provação cessaria e tal lenitivo faria diminuir enormemente seus méritos, podendo até constituir uma tentação de vaidade. Só quando ela vir a Deus face a face no Céu tudo ficará claro!

Todos temos algo a oferecer

Alguém poderia perguntar: uma vez que este chamamento é um convite especial e inequívoco, e nada faz cons-

tar que a graça tenha tocado o fundo de minha alma nesse sentido, devo eu então cruzar os braços, julgando não ter nada a oferecer? Trata-se, quiçá, de pôr um cilício e flagelar-me com disciplinas? Ou, se já renunciei aos bens materiais, à carreira e até à possibilidade de dispor do meu tempo por um voto de obediência, o que mais vou entregar?

Não nos iludamos! Por mais excelente que seja um homem, enquanto ele vive nesta terra sempre tem algo a aprimorar pois, segundo São Tomás de Aquino,³ apenas a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Se-

nhora e a visão beatífica não poderiam ter sido feitos melhores.

Tomemos o exemplo histórico dos Apóstolos: quando se encontraram com Nosso Senhor, deixaram para trás família, barco, rede, toda uma vida, e O seguiram. Onde Ele dormisse, também acampavam; viviam de esmolas do público, não possuíam mais bens, haviam dado absolutamente tudo.

Não tinham mais nada a entregar?...

Contam os Evangelhos que, subindo Nosso Senhor a Jerusalém pela última vez, anunciou-lhes taxativamente que ali seria preso, julgado, condenado e morto, mas no terceiro dia ressuscitaria (cf. Mt 20, 17-19). Pois bem, depois dessa conversa a mãe de Tiago e João, parentes de Jesus, prosternou-se diante d’Ele pedindo que os filhos se sentassem um à sua direita e outro à sua esquerda no Reino que iria implantar (cf. Mt 20, 20-21). A cena foi tal que os demais Apóstolos começaram a discutir entre si qual deles merecia lugar tão prestigioso...

Portanto, eles haviam entregado tudo o que era fácil. Mas entendiam eles que o Reino do Messias não era deste mundo? Pedro, que proclamara a divindade do Mestre (cf. Mt 16, 16), atinava com isso?

Os Apóstolos tinham mentalidades, princípios, modos de analisar as coisas e de compreender Nosso Senhor dos quais não queriam se desapegar, porque deixariam de participar da tão deliciosa concepção do mundo em voga na sociedade hebraica daquele tempo.



Precisamos saber oferecer atos expiatórios, ainda que simples e comuns, e colocar nossa contribuição no altar do holocausto

Santa Teresinha do Menino Jesus em 30 agosto de 1897, último retrato em vida

¹ “Mesmo sem o voto propriamente dito, pode-se fazer a oblação de si mesmo ao Amor misericordioso de Deus, segundo a fórmula composta por Santa Teresinha do Menino Jesus e aprovada pela Penitenciaria Apostólica em 31 de julho de 1923. [...] Podemos, igualmente, pedir à Santíssima Virgem que Ela nos ofereça cada dia a seu Filho, segundo sua prudência maternal,

que não permitirá nos serem enviadas dores superiores às nossas forças; que nos ofereça em conformidade com seu ardente zelo, para que possamos dar a seu Filho tudo o que Ele espera de cada um de nós, até o dia de nossa entrada na glória” (GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *La unión del sacerdote con Cristo, Sacerdote y Víctima*. Madrid: Rialp, 1955, p.115-116).

² Comentando os quarenta e cinco anos de desolação interior padecidos por São João da Cruz, afirma o Frei Garrigou-Lagrange: “Trata-se verdadeiramente da via reparadora em toda a sua profundidade e elevação, do apostolado pelo sofrimento espiritual, em um nível excepcional. Não foi apenas a subtração das consolações sensíveis, mas como que um eclipse das virtudes da

fé, da esperança e da caridade. O Santo julgava-se abandonado por Deus, julgava que Deus estava irritado com ele. As tentações de desespero e de tristeza eram esmagadoras” (GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *Les trois âges de la vie intérieure. Prélude de celle du ciel*. Paris: Édition du Cerf, 1951, t.II, p.666). No que se refere especificamente às vítimas expiatórias, mui-

E nós? Temos também uma visão do universo que não é segundo Nosso Senhor Jesus Cristo? Quantas indecisões, quanta condescendência, quanto liberalismo e falta de entrega absoluta! Por quê? Porque gostamos de guardar nossos próprios critérios.

Precisamos saber oferecer atos expiatórios, ainda que simples e comuns, e colocar nossa contribuição no altar do holocausto, pois esta luta perdura a vida inteira e sempre apresenta aspectos novos. Cada um tem de descobrir os pontos a serem corrigidos, e é certo que a Providência, através de nosso Anjo da Guarda, haverá de nos inspirar a privação adequada para o logarmos.

Para um será, por exemplo, uma curiosidade até então irrefreável. Para outro, um sentimento de honra tão entranhado no seu interior, que se revolta quando o acusam injustamente. Para outro ainda, o combate ao amor-próprio, à vaidade e ao orgulho, a dificuldade de depositar nas mãos de Nossa Senhora seu próprio fracasso...

Se Deus encanta-Se com o oferecimento partido de uma alma inocente e o recolhe, assim também acontece conosco: “um coração contrito e humilhado” (Sl 50, 19) move os Céus e é como a chuva a regar esta terra, para que das sementes plantadas brotem árvores de porte gigantesco, que se desenvolverão ao longo dos séculos e dos milênios, produzindo efeitos extraordinários e chegando à plenitude de seus frutos.

Por isso, a hora mais sagrada de nossa existência dá-se quando a pro-



Gustavo Kralj

O cerne da transformação social e da fundação de uma nova civilização tem na sua raiz o holocausto das vítimas expiatórias

Mons. João em 2009

vação e a tentação nos assaltam, porque nos aproximamos de Nosso Senhor Jesus Cristo no Horto das Oliveiras. Desde que soframos em união com Ele, caminhando rumo à dor como verdadeiros “varões fortes”⁴ – segundo expressão de Santa Teresa às suas freiras –, então nos tornaremos sacrais.

E, se é verdade que o católico está chamado a conduzir o coração da Opinião Pública através do exemplo e dos costumes, devemos compreender que sem o martírio nada se faz, nada se move, nada se consegue.

O cerne da transformação social e da fundação de uma nova civilização chamada Reino de Maria tem na sua raiz o holocausto das vítimas expiatórias. “O meu Imaculado Coração triunfará!” – quem não se dá conta de que esse triunfo já começou a se estabelecer na face da Terra? Este ou é cego e surdo, ou não sabe interpretar o futuro ao olhar para o presente... ✦

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 1992 e 2010

to elucidativas são as palavras de Madre Francisca do Rio Negro – ela própria uma dessas vítimas – publicadas pelo mesmo dominicano francês, seu diretor espiritual: “Tais almas se veem, por conseguinte, acabrunhadas de grandes sofrimentos morais e como que absorvidas e devoradas por inexprimíveis dores. [...] É como se em dados momentos o inferno se desencadeasse para

lhes arrancar um ato de desespero e convencê-las de que após a morte só as espera o nada absoluto ou a perda eterna” (GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *Madre Francisca de Jesus*. Campinas: Ecclesiæ, 2013, p.114). Sobre as provações sofridas pela religiosa, comentou o Frei Juan Arintero, em resposta a uma carta por ela escrita: “Faz-se mister experimentar esse vá-

cuo absoluto para poder encher-se da plenitude de Deus. E só Deus pode consolar aquela que sofre tal provação... é preciso ser configurada a Jesus Cristo em seu abandono de Getsêmani e do Calvário, para com Ele entrar numa nova vida gloriosa. Não é o ‘prelúdio de uma morte eterna’, como receais, e sim a verdadeira morte mística em relação a tudo e a si mesma e o prelú-

dio da vida eterna” (ARINTERO GONZÁLEZ, OP, Juan. Carta para Madre Francisca de Jesus. In: GARRIGOU-LAGRANGE, *Madre Francisca de Jesus*, op. cit., p.18).

³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.25, a.6, ad 4.

⁴ SANTA TERESA DE JESUS. *Caminho de perfeição*, c.VII, n.8.

Testemunho, holocausto e glória!

Como não admirar a generosidade, a fortaleza e a caridade dessas almas? Apegadas à Fé cristã, enfrentaram suplícios corporais e morais, obtendo, num instante, a vida e a felicidade eternas.



Isabela Fernandes Corrêa

Sob as vias, praças e anfiteatros da agitada capital romana dos primeiros séculos depois de Cristo, palpitava uma vida diferente. Verdadeiros labirintos estendem-se estreitos e úmidos a esconder, quais criminosos, pessoas detentoras da suma liberdade; criptas escuras abrigam almas revestidas de luz, destinadas, em breve, às alturas celestes.

Numa das câmaras, alguns fiéis se reúnem em torno de um cadáver ensanguentado... Um sacerdote pronuncia orações sobre a vítima, recém-assassinada. A rudeza do local empalidece diante da melancolia da cena. Apesar disso, nota-se nas fisionomias um brilho inexplicável: ao contrário do que se esperaria, todos manifestam contentamento profundo, grave e sereno, misturando lágrimas de dor e de alegria. Embora a morte sempre traga sofrimento pela separação, o júbilo triunfa no coração daqueles pobres foragidos, impulsionado pela certeza da fé, consolidado na esperança: a alma do falecido encontra-se, enfim, nos braços de Deus, de onde passará a interceder por aqueles que ainda combatem na terra.

Ah, mártires! Quanta glória eles encontraram detrás das lâminas dos carrascos ou após as mordidas das feras, quão

grande recompensa pela perda da própria vida! A Santa Igreja sempre lhes dedicou entusiasmados louvores e uma destacada devoção, encantada por aquilo que, aos olhos mundanos, causaria apenas horror.

Mas o que há de tão especial no martírio, considerando ser a morte o destino de todos os homens?

De vocábulo comum a título de glória

A palavra *mártir* vem do grego *μάρτυς* – *mártys* –, que significa *testemunha*. O termo evoluiu de um conceito genérico para o de testemunho dado com o próprio sangue.

No Novo Testamento, Estêvão, “homem cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6, 5), “não é chamado mártir pelo fato de morrer, mas simplesmente porque é testemunha de Cristo em sua atividade evangelizadora”.¹

Só a partir do século II, com o *Martyrium Policarpi* – relato da execução de São Policarpo –, o vocábulo passou a designar a imolação da vida, expressão máxima do testemunho. Desde então, reservou-se o título para aqueles que abraçaram a morte por caridade perfeita.

Conforme a Teologia, o martírio foi descrito como o “ato da virtude da

fortaleza pelo qual se sofre voluntariamente a morte em testemunho da Fé ou de qualquer outra virtude cristã relacionada com a Fé”.²

Fiéis até o derramamento do sangue

Nessa descrição, dois aspectos são indispensáveis: o testemunho da Fé e a aceitação da morte.

Quanto ao primeiro, se o mártir é, antes de tudo, uma testemunha, como o seriam os cristãos que não conviviam com o Salvador?

Stricto sensu, chamam-se testemunhas da Fé cristã os Apóstolos e discípulos do Salvador, os que viram com os próprios olhos, contemplaram e apalpam a manifestação da Palavra da Vida (cf. I Jo 1, 1). Contudo, os mártires são também considerados testemunhas porque viram o Divino Redentor com olhos da fé, ao acolherem a doutrina cristã através da Tradição. Declarando sua firme adesão à Igreja, atestam a verdade que receberam de Cristo, presente neles a lhes fortalecer nos sofrimentos.

Para essa declaração, não são necessários longos discursos; basta a confissão da Fé, pois nela reside a própria verdade.³

As narrações da perseguição de Trajano (97-117) atestam que qualquer um que levasse o nome de cristão poderia ser condenado à morte, cuja revogação só era possível pela renúncia desse título.⁴

A morte é requisito essencial do martírio.⁵ Muitos fiéis sofreram torturas e prisões, tornando-se *confessores da Fé*, mas, ao sobreviverem, não consumaram o testemunho final que reproduz a Paixão de Cristo.⁶ Isto não desmerece sua fidelidade, mas apenas os diferencia dos mártires.

Duas condições

Morrer não basta. O martírio exige duas condições: primeira, a vítima deve abraçar voluntariamente tal sacrifício⁷ por amor à verdadeira religião, pois “a mãe do martírio é a Fé Católica”;⁸ segunda, o ódio à fé – *odium fidei* – por parte do algoz precisa ser a causa do assassinato.

Para compreendermos melhor a doutrina, analisemos dois casos hipotéticos.

Um cristão, sob perseguição, renega a Fé para escapar da execução por hipotermia numa piscina com gelo. Ao ser retirado da água e colocado em uma banheira aquecida, morre devido ao

choque térmico. Não há martírio, pois a morte foi involuntária: a intenção da vítima era preservar a própria vida, não dar testemunho de fé.

O assassinato de um jovem católico por um ladrão, por ter sido motivado exclusivamente pela ganância, não configura martírio. Mesmo que a vítima tenha oferecido sua vida a Deus, a ausência de *odium fidei* por parte do agressor exclui a caracterização do martírio.

Nesse sentido, assegura Santo Agostinho: “Um criminoso pode sofrer castigo semelhante ao do mártir, mas por motivo diferente. Pregados na cruz estavam três homens (cf. Lc 23, 33): um Salvador, o segundo a salvar, o terceiro a ser condenado; a pena era igual para todos, mas a causa ímpar [...]. Por isso, não é a pena que faz os mártires, mas a causa”.⁹

Laurel de virtudes coroadas pelo amor

Como pedras preciosas, algumas virtudes resplandecem especialmente na alma dos mártires.

Ao resistir ao mal até o heroísmo, eles praticam a virtude da *fortaleza*, que robustece a alma humana para não desistir do bem árduo, nem sequer pelo

perigo da vida corporal. O bem árduo – a perseverança na vida da graça – é almejado sobre todas as coisas, ao considerar o mundo como um verdadeiro cárcere e as prisões terrenas como uma espécie de libertação dele.¹⁰

Possuem profunda *fé*, virtude pela qual se enfrenta a batalha do martírio.¹¹ Para isso, não basta a crença do coração, mas também a manifestação exterior, isto é, a *confissão de fé*, ato pelo qual demonstram que têm essa virtude: “É pelas obras que te mostrarei a minha fé” (Tg 2, 18).¹²

Também são revestidos de perfeita *obediência*, pois imitam o Homem-Deus em sua plena submissão à vontade do Pai na Paixão: “Sendo exteriormente reconhecido como Homem, humilhou-Se ainda mais, tornando-Se obediente até a morte, e morte de Cruz. Por isso Deus O exaltou soberanamente e Lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes” (Fl 2, 8-9).

Os mártires se destacam ainda pela *paciência*, ao suportar com boas disposições tormentos físicos e morais. Em face dos maus-tratos, torturas, insultos e calúnias, não cedem ao amor-próprio, nem à ira ou ao desespero, pois sabem que



Francisco Lecaros

Detrás das lâminas dos carrascos ou dos dentes das feras, os mártires encontraram glória e recompensa incomparáveis

“Os mártires nas catacumbas”, por Jules-Eugène Lenepveu - Museu d’Orsay, Paris. Na página anterior, “Coro dos mártires”, por Giovanni da Milano - Galleria degli Uffizi, Florença (Itália)

quaisquer padecimentos são pequenos se comparados com a glória celeste que nos há de ser revelada (cf. Rm 8, 18).¹³

Por fim, a *caridade* é a mais importante virtude no martírio pois, como atesta o Apóstolo, “ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse caridade isso nada me adiantaria” (I Cor 13, 3). Sendo a caridade o “vínculo de perfeição” (Cl 3, 14) e não existindo “maior prova de amor que dar a vida por seus amigos” (Jo 15, 13), o maior ato externo da caridade é o martírio, quando o cristão despreza sua vida por amor a Deus.¹⁴

De seus méritos, beneficia-se todo o Corpo Místico de Cristo

Os frutos do generoso holocausto dos mártires são sublimes.

O *batismo de sangue* apaga o pecado original e abre as portas do Céu àqueles que morrem pela Fé mesmo sem ter recebido o Batismo sacramental. Foi o que aconteceu com os Santos Inocentes, mortos a mandato de Herodes por ódio ao Divino Redentor que nascera em Belém (cf. Mt 2, 16).¹⁵

Aos batizados que caíram em pecado grave, o martírio restitui o estado de graça e anula as penas temporais a pagar no Purgatório. Em suma, o fiel é santificado para gozar no Céu da companhia d’Aquele que lhe abriu as vias do martírio.¹⁶

Além do benefício individual, o martírio fertiliza a Igreja. Como afirma

Tertuliano, “o sangue dos mártires é semente de cristãos”.¹⁷ Pelo seu sacrifício, inúmeras almas alcançam a mi-



Pelo seu sacrifício, inúmeras almas alcançam a misericórdia e o Corpo Místico de Cristo se fortalece e cresce em todo o orbe

Alegoria da fé - Catedral de Santa Águeda, Catânia (Itália)

sericórdia¹⁸ e o Corpo Místico de Cristo se fortalece e cresce em todo orbe. Mesmo depois de mortos, atraem, por seu desprendimento heroico, multidões à luz da Fé.

Todos nós podemos ser mártires!

Ao fim destas considerações, voltemos nosso olhar para Maria Santíssima, a Rainha dos Mártires. Com a alma transpassada pela dor (cf. Lc 2, 35), Ela sofreu junto ao Calvário o que a Teologia denomina, por analogia, de martírio moral – ou de coração –, sorvendo com seu amado Filho cada gota do cálice da Redenção. Embora não tenha derramado sangue corporal, seu sofrimento, com o qual nada se pode comparar,¹⁹ provinha da suprema união com a Paixão de Jesus.

A exemplo de Maria, todos somos chamados ao martírio, se não pela morte violenta, ao menos pelo amor vivido fervorosamente no dia a dia. Entregar cada minuto da existência ao serviço de Deus é uma forma belíssima de martírio. Empenhem-nos “na prática silenciosa e heroica das virtudes da vida cristã ordinária, que constituem o ‘heroísmo do pequeno’ e uma espécie de ‘martírio às alfinetadas’”.²⁰

Embora esse martírio cotidiano seja, muitas vezes, mais penoso e árduo que a morte entre os dentes das feras, ele é o caminho seguro para a santidade, garantindo-nos, no dia do juízo, a recompensa eterna ao lado dos heróis da Fé. ✠

¹ LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino (Dir.). *Diccionario de Teologia Fundamental*. 3.ed. Madrid: San Pablo, 1992, p.862.

² ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología Moral para seglares*. 7.ed. Madrid: BAC, 1996, t.I, p.427.

³ Cf. PINCKAERS, OP, Servais. *The Spirituality of Martyrdom... to the Limits of Love*. Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 2016, p.56.

⁴ Cf. ÁLVARES GÓMEZ, Jesús. *Historia de la Iglesia. Edad Antigua*. Madrid: BAC, 2001, v.I, p.102.

⁵ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.124, a.4.

⁶ Cf. PINCKAERS, op. cit., p.70-71.

⁷ Cf. ROYO MARÍN, op. cit., p.428.

⁸ SÃO MÁXIMO DE TURIM. *Sermo LXXXVIII*: PL 57, 708.

⁹ SANTO AGOSTINHO. *Coamentário aos Salmos*. Sal-

mo 34. Sermão II, n.1; 13. São Paulo: Paulus, 1997, p.475; 486.

¹⁰ Cf. TERTULIANO. *Ad martyras*, c.II, n.1.

¹¹ Cf. ROYO MARÍN, op. cit., p.427.

¹² SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., a.5.

¹³ Cf. TERTULIANO, op. cit., c.IV, n.9.

¹⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., a.3.

¹⁵ Cf. *ibid.*, a.1, ad 1.

¹⁶ Cf. ROYO MARÍN, op. cit., p.428-429.

¹⁷ TERTULIANO. *Apologeticus*, c.L, n.13.

¹⁸ Cf. ROYO MARÍN, Antonio. *Teología de la perfección cristiana*. 4.ed. Madrid: BAC, 1962, p.345.

¹⁹ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. *Carta aos Amigos da Cruz*. 8.ed. Lorena: Cléofas, 2022, p.46.

²⁰ ROYO MARÍN, Antonio. *Jesucristo y la vida cristiana*. Madrid: BAC, 1961, p.427.



Sangue dos mártires, semente de cristãos

Na gloriosa coroa de santidade com que Cristo ornou sua Esposa Mística, sobressai um inconfundível rubi: o sangue dos mártires!



✠ Gabriel Marques dos Santos

Ao longo dos séculos, Nosso Senhor Jesus Cristo tem apresentado sua Esposa Mística, a Igreja, com inúmeros tesouros: a túnica inconsútil da unidade, o manto alvíssimo da ortodoxia, o cetro vigoroso da autoridade pontifícia, e – o maior dos dons – a coroa da santidade.

A armação desse diadema é constituída pelo ouro puro da caridade, e sobre ela rebrilham ainda ricas e variadas incrustações: as pérolas das virgens, as ametistas dos ascetas, as safiras dos Doutores...

Sem embargo, dentre todos esses ornamentos, destaca-se um majestoso rubi: o sangue dos mártires.

“Sois um mártir!”

Um episódio histórico ilustra o quanto a Igreja preza sobremaneira essa preciosa gema.

A 24 de março de 1934, o Papa Pio XI recebia em audiência privada Dom Teófilo Matulionis, Bispo lituano que estivera preso em campos de concentração soviéticos.

Logo ao início do encontro, interrompendo a genuflexão do visitante, o próprio Santo Padre ajoelhou-se e declarou: “Sois um mártir; vós é que deveisabençoar-me em primeiro lugar”.¹

Como não bastasse essa excepcional deferência, o Papa ainda osculou a fronte do prelado, como sinal de singular apreço.

Embora Dom Matulionis não tivesse *stricto sensu* derramado o sangue como mártir, os sofrimentos padecidos por seu amor a Cristo e pelo ódio à Fé de seus perseguidores configuravam uma analogia tão próxi-

*O próprio nome
“mártir” é considerado
honra suprema pela
Igreja, que vê em seu
sangue derramado
por Cristo a semente
de novos cristãos*

ma a uma vítima que mereceram tal reconhecimento.

Não é sem razão que o próprio nome *mártir* seja considerado honra suprema pela Igreja. Já um antigo escritor eclesiástico no-lo justifica com a célebre expressão: “O sangue dos

mártires é semente”² de novos cristãos. Mas em que sentido?

***Estímulo dos fervorosos,
coragem dos vacilantes***

Em primeiro lugar, o exemplo dos mártires estimula os católicos a uma santa emulação, a um progresso ainda maior na virtude e a um empenho na expansão do Reino de Deus.

Corria o ano de 1220. Após a divulgação da fama de santidade e consequente martírio de cinco frades menores em Marrocos, Fernando de Bulhões sentiu o chamado de se fazer, como eles, filho de São Francisco e evangelizar os pagãos, para assim também um dia alcançar a palma do martírio. Àqueles santos missionários cabe a glória de terem contribuído, mesmo após a morte, para que Fernando se tornasse o grande Santo Antônio de Pádua!

Por outro lado, o testemunho dos mártires incute fé e coragem naqueles que vacilam entre a fidelidade a Deus e as seduções do demônio. Nesse sentido, as atas dos mártires estão repletas de exemplos eloquentes. Consideremos apenas um.

Um antiquíssimo documento histórico narra o atroz e sublime martírio de alguns dos primeiros cristãos



Cena de martírio, por Gherardo Starnina - Galeria Nacional, Londres

cartaginenses, em março de 203. Enquanto eles ainda encarcerados, à espera do dia de seu lançamento às feras, sua fortaleza impressionou Pudente, soldado encarregado da prisão, que lhes manifestou discreta simpatia. Era a brecha pela qual entraria a luz em sua alma...

Já na arena, um dos católicos condenados, de nome Sáturo, após ter passado ileso por diversas investidas das feras assim se dirigiu ao soldado: “Como presumi e predisse, nenhuma fera me atacou até o momento presente. Agora, para que creias de todo coração, eis que vou ao encontro daquele animal e serei devorado por uma única mordida de leopardo”.³

Cumprido o prenúncio, Sáturo, já banhado em sangue, voltou-se novamente àquele que desejava conquistar para Cristo: “Adeus! Lembre-se da Fé e de mim; e que essas coisas não te perturbem, mas te confirmem!”⁴ E, deixando-lhe em herança a relíquia de um anel empapado no próprio sangue, foi apresentar-se ao Senhor.

O soldado Pudente, animado por esse exemplo, abraçou a Fé. Mais tarde viria a alcançar também a palma do martírio.

A finalidade do mártir não estava só em vencer, mas em dar aos séculos vindouros um argumento apologético da veracidade da narração do Evangelho

Silencioso e eloquente argumento

O martírio – que significa etimologicamente *testemunho* – não fala apenas aos batizados; ele é também eficaz instrumento de defesa da Fé.

Ao considerar os heroicos martírios dos primeiros séculos do Cristianismo, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira pondera a finalidade de tanto sangue: “Não se tratava apenas de vencer, mas de dar um argumento apologético para os séculos vindouros. Qual era esse argumento apologético? [Os mártires] eram as testemunhas vivas da veracidade da narração do Evangelho. Essas testemunhas, para provarem que a Religião Católica é verdadeira, se deixavam estrangular. [...] Daí

nasceu a Europa Católica, nasceu a Idade Média, nasceu a Civilização Católica”.⁵

Um soldado pode ser mártir?

Se tamanha é a glória do martírio para a Santa Igreja, seria lícito a um católico se defender de uma injusta agressão? Teria ele a obrigação de aceitar passivamente o martírio?

Na verdade, a aceitação do martírio não significa necessariamente resignação inerte diante da injustiça. Há ocasiões em que Deus pede o silêncio e o sacrifício, mas há também circunstâncias nas quais a graça nos leva a dizer: “Não, senhor! Sinto-me honrado por ser assim perseguido por vocês, e me apresento de cabeça alta! [...] Aceito essa humilhação com desdém, e combate de viseira erguida!”⁶

Com efeito, ainda que o mártir não profira palavras de repreensão a seus algozes, seu silêncio constitui eloquente denúncia. A tradição cristã, na pluma de Tertuliano, entendia o martírio como uma forma eminente de combate: “Amamos o sofrimento do mesmo modo que o soldado ama a guerra. [...] A batalha, para nós, consiste em que sejamos levados aos tribunais, para que ali, arriscando nossa vida, lutemos pela verdade. A vitória consiste em conseguir aquilo pelo que lutávamos. Vitória que traz consigo a glória de agradar a Deus e o botim de viver eternamente”.⁷

Se a Providência convida alguns a aceitarem a morte para não renunciar a Fé, a outros convoca a defendê-la ante ímpias agressões. A cavalaria medieval, por exemplo, refletia essa glória: o martírio não enquanto sofrido, mas enquanto buscado na luta em defesa do bem.⁸

Um combatente mártir

Para harmonizar essas duas formas de heroísmo, aparentemente antagônicas, basta observar o exemplo de São José Luis Sánchez del Río. Adolescen-

te de quatorze anos, alistou-se no Exército *Cristero* para defender a liberdade da Igreja no México, especialmente perseguida após a promulgação da chamada Lei Calles em 1926.

Numa batalha na cidade de Cotija, o jovem foi cercado e encarcerado. Conduzido ao comandante inimigo, declarou: “General, fique sabendo que eu caí prisioneiro, não porque tenha me rendido, mas porque acabaram minhas balas, pois, se tivesse mais, continuaria lutando”.

Após breve cativeiro, José foi condenado ao suplício. Às onze horas da noite de 10 de fevereiro de 1928, os algozes arrancaram-lhe as plantas dos pés e fizeram-lhe caminhar por um terreno pedregoso rumo ao cemitério. Chegados à cova destinada a seu sepulcro, os soldados ainda lhe desferiram novos golpes, no intento de levá-lo à apostasia.

Frustradas as tentativas, o capitão da tropa perguntou, em tom de zombaria, se o pequeno herói teria alguma mensagem a transmitir aos pais. Altaneiro, José Sánchez replicou: “Sim, diga-lhes que vamos nos rever no Céu”. Em seguida, pediu para ser fuzilado com os braços em cruz. A resposta foi imediata, furibunda e impiedosa: um tiro de pistola na têmpora.

No martírio do jovem mexicano, bem podemos constatar a veracidade da afirmação de Dr. Plínio: “É nobre um mártir morrer com os olhos postos só em Deus. É nobre também morrer perdoando seus algozes. Mas também é nobre morrer lutando contra eles”.⁹

Afinal, a vida do homem nesta terra é uma luta (cf. Jó 7, 1); por que não será, outrossim, a sua morte?

Negar alguma dessas formas de heroísmo seria recusar à Igreja Católica

uma das múltiplas glórias do cruento rubi de sua coroa.

Voltando ao rubi

Ora, o que confere ao martírio essa nobreza que o distingue de todas as outras formas de perfeição? O mártir leva à plenitude a imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo, na qual consiste propriamente a santidade.

Amor com amor se paga. Se não há maior prova de amor do que dar a vida pelo amigo (cf. Jo 15, 13), bem compreendemos o elogio feito por Santo Agostinho: “Restituíram o preço pelo qual foram comprados”.¹⁰ E ainda: “Se te sentas a uma grande mesa, observa com atenção o que te servem, porque também tu deves preparar coisa igual” (Pr 23, 1-2). A grande mesa é aquela em que as iguarias são o próprio Senhor da mesa! [...] Ele é quem convida, Ele é o alimento e a bebida. Os mártires, pois, reconheceram o que comeram e beberam, para retribuírem coisa igual”.¹¹

O sangue dos mártires vai muito além de gerar novos cristãos: ele rega a Igreja inteira. Como membros vivos do Corpo Místico de Cristo, o sacrifício desses heróis da Fé, unido ao do Redentor, beneficia todos os fiéis pela Comunhão dos Santos. Assim, seu testemunho é como a seiva que alimenta e revigora os batizados num misterioso fluxo de graças. Tal fecundidade nasce de uma profunda verdade: se todo cristão completa o que falta à Paixão do Senhor (cf. Cl 1, 24), podemos afirmar que, de modo especial, o sangue dos mártires é também o próprio Sangue de Cristo. ✠



São José Sánchez del Río

*“É nobre um mártir
morrer com os olhos
postos só em Deus. É
nobre morrer perdoando
seus algozes... Mas
também é nobre morrer
lutando contra eles”*

¹ Cf. GAIDA, Pranas. *Bispo, prisioneiro e mártir do comunismo. Vida de Dom Teófilo Matulionis*. São Paulo, Artpress, 1991, p.53.

² TERTULIANO. *Apologeticus*, c.L, n.13; cf. CARTA A DIOGNETO, n.6.

³ PASSIO SANTORUM PERPETUÆ ET FELICITATIS, n.21. In: RUIZ BUENO, Daniel (Ed.). *Acta de los mártires*. 5.ed. Madrid: BAC, 2003, p.438.

⁴ Ibid.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 18/2/1972.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 27/5/1986.

⁷ TERTULIANO, op. cit., n.1-2.

⁸ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 7/9/1989.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 8/1/1972.

¹⁰ SANTO AGOSTINHO. *Sermão* 329, n.1.

¹¹ Ibid.



Graças da Igreja nascente

Durante certo período de sua adolescência, Plínio aproveitava o percurso de retorno do colégio para visitar a Igreja de Santa Cecília, cujo ambiente – em particular, as representações dos mártires – lhe propiciava especial comunicação com o sobrenatural.

✎ **Plínio Corrêa de Oliveira**

A igreja¹ tem a forma clássica de cruz. No braço direito desta, portanto à esquerda de quem entra, acima do altar da nave lateral encontra-se a imagem da Imaculada Conceição. Não preciso dizer que eu ia diretamente fazer uma visita a Ela.

É uma boa imagem, de qualidade decente e digna de figurar naquela igreja, mas de uma beleza muito comum. Eu sabia disso, mas sentia grande comprazimento em estar ali, perto d'Ela, e quando rezava tinha a impressão de que Nossa Senhora atendia a súplica que eu fazia, e transmitia a Deus Nosso Senhor o meu pedido.

Ao mesmo tempo, sentia também qualquer coisa da pureza d'Ela, e algo pelo qual Ela é imensamente superior a todos os graus e formas de santidade possíveis e imagináveis. A minha alma

se elevava a uma alta ordem de realidade que eu não era capaz de explicitar.

Uma jovem mártir romana

Pouco adiante, perto do altar de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, há uma imitação, muito paroquial e provinciana, do que seria um sarcófago romano. É uma espécie de sepulcrazinha bem feita, de bom mármore branco – creio que de Carrara –, toda encerada, com um tampo grande de vidro transparente e *biseauté*, onde se encontra deitada uma figura de cera, com cabelos inclusive, a qual representa Santa Donata, menina romana de doze ou treze anos, que morreu mártir.

Dentro dessa figura estão postas as relíquias – suponho que sejam os ossos – da própria Santa Donata. Ostentar ossos poderia horripilar a sensibilidade

de humana, da qual a Santa Igreja não é inimiga, mas, pelo contrário, amiga. Resultado: faz-se uma graciosa escultura de cera para revesti-los.

Quando eu era pequeno – portanto antes dos fatos que estou narrando – aproximei-me certa vez daquela figura, com muita curiosidade, e alguém me deu uma explicação sumária, como se dá às crianças: “É Santa Donata que está aí”.

Entretanto, por ser tão menino, começava por não saber distinguir bem se ela estava viva ou morta... E, se estivesse morta, perguntava-me há quanto tempo o estava. Mas sentia certa timidez em perguntar. Então permanecia olhando para ver se Santa Donata respirava, cheio de suspeitas e incertezas à vista da situação. De outro lado, apesar de saber o que significava a palavra *mártir*, não tinha esse conceito tão firmado no meu espírito quanto a ideia de santidade, e pensava: “É uma santa! Oh! Isso é formidabilíssimo!”

Inclusive mais tarde, nesse tempo em que passei a frequentar mais a Igreja de Santa Cecília, eu não sabia ao certo se aquela figura era a própria santinha, que estava lá com o seu corpo incorrupto, ou se era uma imagem, dentro da qual se encontravam relíquias dela. Havia ali uma placa escrita em latim, que eu tentava ler e em parte compreendia, mas não por inteiro. Mesmo assim, tinha ideia de que não se tratava exatamente do corpo dela.

Ela está vestida com um bonito traje romano ou, pelo menos, como alguém

Contemplando a figura repleta de ornamentos de Santa Donata, o pequeno Plínio formava uma ideia de virtude e de retidão que o tocava profundamente

Santa Donata - Igreja de Santa Cecília, São Paulo



da São Paulo de começo do século poderia imaginar – sem preocupações arqueológicas – a roupa de uma antiga *demoiselle*² romana, ainda muito jovem. Uma túnica até os pés, feita de seda comum, mas muito arranjada, toda enfeitada com bordados que me pareciam ser de ouro e umas pedras bonitinhas costuradas – as quais eu só muito mais tarde percebi serem meros vidrilhos –, dando-me a ideia de uma menina nobre e abastada, a quem os pais teriam enterrado com essas joias.

Ornatos que refulgiam como um livro de mística

Eu olhava com muita atenção os bordados, os vidrilhos, a seda e o mármore de Carrara, com a ideia de que eles me diziam alguma coisa e me explicavam quem era a mártir Santa Donata. Aquelas pedras aplicadas sobre o vestidinho me davam a impressão de refulgirem com algo da santidade dela e da própria santidade da Igreja primitiva. Era, portanto, como se cada ornato fosse a palavra de uma frase, a qual, por sua vez, seria o conjunto dos ornatos e representaria a definição de Santa Donata.

A certa altura da imagem há uma faixa que cobre discretamente uma parte do vestido e que ostenta, como conclusão do desenho, uma espécie de lírio com um vidro trabalhado, imitando um grande topázio ou alguma outra pedra semipreciosa. É de fato parecido com um topázio autêntico, portanto de um amarelo-dourado claro muito bonito. Eu olhava com especial atenção aquela pedra colorida, pois me parecia o centro dos ornatos e, portanto, a parte mais inteligível e aproveitável do traje. Não que eu analisasse aquilo com olhos de joalheiro cúpido, pelo valor da pedra. Isso nem me passava pela mente! Era a cor que produzia, em minha alma, certo efeito.

Em geral, na hora em que eu costumava ir lá rezar, entrava a luz pelos vitrais e incidia no sarcófago de Santa Donata, refletindo-se no vidro *biseauté*.

E mais de uma vez coincidiu em que os raios de sol batessem naquele pseudo-topázio. Eu via a luz passear na joia e rebrilhar com bonitos reflexos naquela cor quente. Aquilo me causava uma intensa impressão e uma comoção religiosa, levando-me a ter maior admiração e respeito para com Santa Donata, pois a luminosidade especial daquele ornato de vidro era como a expressão do hero-



Tratava-se de um toque místico que se servia de realidades materiais para fazê-lo intuir algo de imponderável e sublime

Plínio na década de 1920

ísmo da mártir. Eu entendia que aquilo simbolizava as suas virtudes de modo magnífico! No meu espírito, a cor do topázio possuía também um nexos qualquer com a glória da alma dela e me levava a compreender o gênero de felicidade que a mártir estava gozando. Era como se o Céu dela fosse vivido dentro de um topázio.

Tratava-se de um toque místico, um trabalho da graça, que se servia de realidades materiais ponderáveis – um pedaço de vidro ou uma pedra – para me fazer intuir através do valor simbólico delas, pelo discernimento dos espíritos,

algo de imponderável e sublime que o simples raciocínio não me faria entender: como é a graça, numa pessoa que tenha analogia moral com o topázio. Ao mesmo tempo, acendia em mim o amor e a devoção a esses imponderáveis no espírito de uma santinha e, nesse sentido, o corpo dela, para mim, era como um livro de mística!

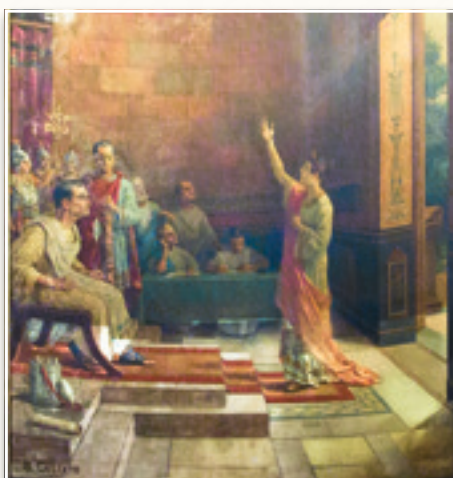
Porém, a minha emoção não era tanto causada pela própria Santa Donata. Era, sobretudo, uma ideia de virtude e de retidão que me tocava profundamente e, mesmo se ela não possuísse de fato as características que eu via, Deus queria que compreendesse o quanto a santidade comporta tudo isso. Assim aumentava o meu respeito para com a santidade enquanto tal, na consideração daquela pedra.

Santo Expedito e a dignidade do Império Romano

Em frente à relíquia de Santa Donata existe uma imagem muito comum de Santo Expedito, apresentado com uma cruz na mão e vestido de legionário romano. A condição de guerreiro católico me entusiasmava e as couraças sempre exerceram sobre mim uma verdadeira fascinação. Então, olhava aquela figura com um interesse extraordinário.

Essas imagens de Santa Donata e de Santo Expedito me punham diante dos olhos certa noção da dignidade do Império Romano, com muito colorido. Vinha-me ao espírito a ideia seguinte: “Como eles estão bem vestidos!” E fazia um raciocínio um tanto infantil: “Naturalmente! Tinham de comparecer à presença do Imperador para serem julgados e, ainda que fosse como réus, por respeito deviam apresentar-se assim. Eles estão numa espécie de traje de corte, com o qual foram martirizados”.

Aliás, a palavra *romano* me parecia um dos títulos mais bonitos que podia haver. Era como uma espécie de palavra predestinada, contendo todos os sons...



Fotos: Fábio Kobayashi

Vendo aquela representação grandiosa e levado pelo discernimento dos espíritos, Dr. Plínio tinha uma noção das diferentes “camadas” de graças que eles recebiam

Cenas da vida de Santa Cecília - Igreja a ela dedicada, em São Paulo

Vida de Santa Cecília

Eu também costumava prestar muita atenção numa série de pinturas em volta do altar-mor, obras do pintor Benedito Calixto, que focalizam os principais episódios da vida de Santa Cecília, padroeira da igreja.

Uma das cenas, por exemplo, é a conversão de Valeriano, cuja história é a seguinte: os pais de Santa Cecília obrigaram-na a casar-se com esse homem, mas ela converteu o marido. Ambos resolveram manter a castidade perfeita depois do casamento e assim ela conservou a virgindade.

Então, a pintura representa uma sala onde Santa Cecília e Valeriano – que foi mártir também – estão ajoelhados, rezando ou conversando, depois do casamento. Aparece um Anjo reluzente, trazendo em cada mão uma coroa de lírios brancos para os dois, o que simboliza o propósito deles.

A cena está semivedada por uma cortina e, escondido atrás desta, há um homem olhando. É Tibúrcio, irmão do marido, que notou estar se passando algo de extraordinário naquele local onde se encontram os recém-casados, e teve vontade de ver o que era. Ele foi pé ante pé, sem eles perceberem, puxou a cortina e conseguiu desvendar a cena, no momento exato em que estava descendo o Anjo com as coroas, irradiando facho de luz. Então, os dois olham a aparição com ar extasiado, enquanto Tibúrcio permanece em atitude de quem está pasmo, muito espantado...

Vendo aquela representação grandiosa e levado pelo discernimento dos espíritos, eu tinha uma noção das diferentes “camadas” de graças que eles recebiam, e de qual era a graça própria a cada um. O casal se encontrava muito mais alto e o outro estava apenas começando. Aquilo me encantava!

Eu soube que Santa Cecília depois converteu o cunhado Tibúrcio, o qual foi mártir também. Assim, todos os três engajaram-se no caminho do martírio.

Cenas do martírio

Em outra cena, vê-se Santa Cecília fazendo uma proclamação de Fé que é também uma invectiva aos ídolos, e recusando-se a prestar-lhes culto. Eu tinha a impressão de que ela já se encontrava diante dos carrascos, mas depois, olhando melhor, percebi ser um tribunal.

Eu também olhava a representação do martírio, na qual ela aparece degolada e prostrada, com sangue escorrendo do pescoço. Parecia-me que se tratava de uma decapitação comum, mas, algum tempo depois, lendo uma vida de Santa Cecília, verifiquei algo que me causou um calafrio horroroso: essa decapitação fora mal feita, pois o verdugo não cortou o pescoço inteiro, e a cabeça dela se manteve um tanto ligada ao tronco, portanto, nas mais atrozes circunstâncias. Ainda viva, ela esteve nessa situação durante três dias e, não podendo mais falar para exprimir sua crença na Santíssima Trindade, respondia aos algozes mostrando três dedos estendidos. E assim a virgem permaneceu até morrer, desafiando os próprios carrascos.

As graças da Igreja nascente

A próxima cena mostra uma Missa nas catacumbas, e vê-se nela um jogo de luz.

Essas pinturas do Benedito Calixto representando a vida de Santa Cecília, embora muito comuns e inclusive objetáveis quanto à perspectiva, são bonitas e há nelas uma espécie de inocência provinciana, além de certa característica, não sob o ponto de vista artístico, mas social: revelam o consenso que existia, em fins do século passado, sobre o ambiente da Igreja primitiva.

De fato, elas exprimem de modo digno – apesar de não inteiramente verdadeiro – as graças da Igreja nascente. ✦

Extraído, com adaptações, de:
Notas autobiográficas. São Paulo:
Retornarei, 2014, v.IV, p.33-53

¹ Igreja paroquial de Santa Cecília, localizada no largo de mesmo nome, na cidade de São Paulo.

² Do francês: donzela, senhorita.



O mais perfeito dos atos humanos?

✚ Pe. Eduardo Miguel Caballero Baza, EP



Desde os primórdios do Cristianismo o martírio tem sido, para os fiéis, causa tanto de temor quanto de fascínio. A simples recordação de lugares como o Circo Máximo e o Coliseu Romano, ou de nomes como Lourenço, Sebastião e Inácio de Antioquia, por exemplo, evocam gestas de tal grandeza e pulcritude que excedem largamente os paradigmas humanos. Quão pequenos parecem os heróis pagãos quando comparados a esses paladinos que, em meio a grandes tribulações, lavaram as suas vestes no Sangue do Cordeiro (cf. Ap 7, 14)!

O que os motivou a tais gestos de valentia? O mero desencadear de energias naturais visando a exaltação do próprio ego? Ou atos de virtudes excelsas praticadas sob o impulso da graça divina? Neste caso, quais virtudes estariam mais diretamente envolvidas no ato do martírio? São Tomás discorre sobre o tema na *Suma Teológica*, II-II, q.124, ao longo de cinco artigos.

Por ser o homem composto de corpo e alma, as potências desta nem sempre atuam de forma ordenada, de modo a prevalecer nela o que há de mais nobre, ou seja, a razão iluminada pela fé. Ora, diante das múltiplas investi-

das dos perseguidores da Fé, quer por meio de falaciosos sofismas, quer por insultos morais ou atos de violência, é requerido do mártir a firmeza na verdade e na justiça para não claudicar ante os sofrimentos. Tal perseverança só pode ser obra da virtude, pois cabe a ela “conservar alguém no bem da razão” (a.1).

Entre as virtudes fundamentais presentes no martírio, destaca-se a fortaleza, à qual compete “confirmar o homem no bem da virtude contra os perigos, sobretudo contra os perigos de morte” (a.2). Desse modo, se a fortaleza tem o grande mérito de estar no cerne, de ser a “virtude-mãe” da qual procede o ato do martírio, este traz como fim a confirmação de outra virtude ainda

mais excelsa: a fé. Todo mártir é um valoroso soldado de Cristo, mas é sobretudo um insigne herói da fé!

Não obstante, a virtude *princeps*, aquela que resplandece no ato do martírio “como seu motivo primeiro e principal” (a.2, ad 2) é a caridade, termo final de todo impulso perfectivo da alma humana. Como afirma o Apóstolo, “ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, de nada valeria” (I Cor 13, 3).

O Aquinate conclui sua glosa sobre o tema com a seguinte questão (cf. a.3): o martírio é um ato de perfeição máxima? Ele pondera que, se considerado sob a ótica da virtude da qual emana – a fortaleza –, não se pode afirmar que seja o mais perfeito dos atos, visto que tolerar a morte não é louvável em si mesmo, exceto enquanto ordenado a um bem superior.

Entretanto, se o considerarmos a partir de seu motivo principal – o amor de caridade –, podemos afirmar que ele constitui, por natureza, “o mais perfeito dos atos humanos”, pois a caridade “é o vínculo da perfeição” (Cl 3, 14). Assim declara o Divino Mestre: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13). ✚



David Domingues

O martírio pode ser considerado o mais perfeito dos atos humanos sob o enfoque da caridade, vínculo de perfeição

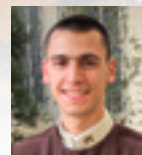
Martírio de Santo Inácio de Antioquia - Basílica de São Clemente, Roma



A promessa venceu o vulcão

A 6 de agosto de 1875, ousaram assassinar uma promessa de Deus. Mas esta triunfou, proclamando que é imortal o Deus das promessas.

✎ **Ângelo Francisco Neto Martins**



Estão escalados os mil e quinhentos metros de muralha. Falta conquistar o coração palpitante do castelo. Os prudentes desistem. Só dois temerários ousam avançar: Wisse e Gabriel.

Ao assalto! O vulcão Pichincha, último bastião do mistério na geografia equatoriana, está prestes a ser tomado neste 15 de janeiro de 1845.

Mas a cratera não se deixa bater sem resistência e faz uso de sua adamastórica natureza. De repente, um monstruoso penedo atira-se sobre o jovem Gabriel. É seu último segundo de vida!

* * *

Seria seu último segundo de vida... se sobre ele não pairasse uma promessa muito mais grandiosa que todas as rochas incandescentes lançadas por aquele vulcão.

A 16 de janeiro de 1599, com efeito, Maria Santíssima profetizara aos pés desse mesmo Pichincha: “No século XIX viverá um presidente verdadeiramente cristão, varão de caráter, a quem Deus Nosso Senhor dará a palma do martírio na praça onde está este meu convento. Ele consagrará a República ao Divino Coração de meu Filho Santíssimo”.¹

Gabriel ignorava tais palavras da Virgem. Entretanto, por sobre ele

chocaram-se, nesse dia, a promessa e o vulcão. E a promessa venceu! Doravante, porém, caberia ao arrojado jovem realizar, contra todos os vulcões, essa promessa que desconhecia.

Rebenta a mocidade!

Gabriel García Moreno vivia, efervescente, seus vinte e três anos em Quito, capital do Equador.² Já ministrava aulas e advogava; estudava Física e Matemática, experimentava Química, cartografava crateras ativas...

Como se nota, não lhe faltava uma multifacetada e prodigiosa inteligência. Por causa dela, aliás, abandonara Guayaquil – cidade em que nascera na véspera de Natal de 1821 – para estudar na única instituição de ensino superior do país, hoje Universidade Central do Equador.

Foi então que se enfrentou sozinho com o inevitável vulcão da mocidade. Longe dos pais, vivendo os jovens anos com tempo e prestígio intelectual, tinha tudo para ser tragado pela lava da concupiscência. Não foi o que aconteceu. Quando os inevitáveis ardores juvenis surgiram para lhe roubar o coração, este já havia sido arrebatado pela ciência.

Não havia férias em seu cronograma de estudante. Acordava às três da madrugada a fim de folhear longamente

os livros de Direito – o curso que seguia –, de Ciências Naturais e Matemática. Descansava? Sim, aprendendo línguas...

O vulcão dos vicejantes anos explodira, mas sobre os campos da ciência, fertilizando-os. A promessa venceu.

O jovem vulcão

Entretanto, outra paixão, bem mais ariscada, assomou-se ao espírito de García Moreno: a política. Corria o ano de 1843 e o estudante participava de uma conspiração para derrocar o regime de índole autocrática. Aventa-se que, punhal em mãos, chegou a esperar, numa esquina noturna de Quito, o chefe de Estado, Juan José Flores. Não é de todo improvável, dado o caráter que o incendiava.

Ardia dentro dele um temperamento vulcânico – incansável, magmático e produtivo – que respondia com perfeição à promessa de Maria acerca de um “varão de caráter”... O problema é que tal compleição provocava efeitos colaterais confrangedores, como prometer duelo a um soldado, ou editar por si só um periódico extraordinariamente agressivo, cujos acerbos dardos vários homens do Governo – e da Igreja!... – experimentaram.

Recordemos que este jovem prescindia de qualquer apoio político ou

econômico, estando assim à mercê da cadeia ou do exílio, quando não do cadafalso. Mas só até 1847, ano em que se casou com Rosa Ascásubi, oriunda de uma influente e rica família quitenha. Tudo se resolveu. Em pouco tempo, ele se responsabilizou por importantes cargos governamentais.

Estava a salvo da pobreza. Não da política, nem de seu temperamento, dois vulcões infatigáveis.

Vencido...

Essas duas fábricas de explosões continuavam ativas: em pouco mais de dois anos, rebentaram dezessete revoluções no país, e em Quito vieram a lume três novos periódicos de García Moreno, cada qual mais implacável que o anterior: *El zurriago*, *El vencedor*, *El diablo*...

Quem era mais ativo: o Equador inquieto ou o equatoriano inquietante? Difícil responder... mas chegou o dia em que a política venceu o político: quando este fundou seu quarto jornal, em 1853, para contestar o poder, o qual – escrevia Gabriel – usava e abusava do “direito da opressão” e do “privilegio vergonhoso do peculato e do roubo”.³

O Governo o obrigou, então, a transpor as fronteiras. García Moreno estava derrotado. Contudo, seria na terra de seu desterro, o Peru, que começaria a guerra de sua vida: a escalada do vulcão interior.

...venceu-se!

Por esse tempo, era ele católico? “Sou católico”, afirmou certa vez, “e me glorio de o ser, se bem que não posso contar-me no número dos devotos”.⁴ Um católico não praticante, para utilizar os termos paradoxais de nossos dias. Mas a Virgem profetizara que ele seria “verdadeiramente cristão”, e faria prevalecer sua palavra.

Volumosas leituras de Filosofia e Teologia escolásticas, aliadas à solidão forçosa de Paita, pequena localidade peruana em que se encerrou, foram desvendando a García Moreno os hori-

zontes da Fé. Talvez instigado por esses luminosos impulsos, em fins de abril de 1855 partiu para a Europa, rumo a Paris. Seu fito era aprofundar-se nos conhecimentos científicos. Deus, porém, tinha outros planos.

O sul-americano leva uma vida escandalosa em Paris! Estuda umas doze horas diárias, despreza os requintados bailes parisienses e preserva intacta, apesar da distância, a fidelidade conjugal. Um verdadeiro escândalo ou, em outras palavras, um católico coerente... se bem que não do “número dos devotos”.

Mas um dia tudo mudou.

Discutia Gabriel sobre a eficácia dos Sacramentos, defendendo com empenho essas maravilhas da graça. De repente, um colega seu desmonta a apologia:

— Você fala muito bem, mas me parece que descuida da prática. Há quanto tempo não se confessa?

— Você me respondeu com um argumento pessoal que talvez lhe pareça

excelente hoje, mas que amanhã não valerá mais.

Na mesma tarde, Gabriel se confessou. Desse dia em diante, assistirá à Missa todas as manhãs e rezará cotidianamente o Rosário. Será “verdadeiramente cristão”.

Vencido, venceu-se.

10 de março de 1861

Entretanto, o Equador continuava com suas erupções políticas. Numa delas, García Moreno foi anistiado e retornou à pátria em dezembro de 1856. Seu prestígio havia se engrandecido pela ausência e prontamente o nomearam prefeito municipal de Quito. Poucos meses mais e tomava responsabilidade de liderança no triunvirato – governo provisório formado por três membros –, após uma grave crise.

Mas irrompeu nova sublevação, durante a qual o nosso personagem teve seus poderes usurpados e foi posto atrás das grades. Sua personalidade, entretanto, era mais sólida do que elas:

— A quem juraste ser fiel? – perguntou ao guarda da prisão.

— Ao chefe de Estado.

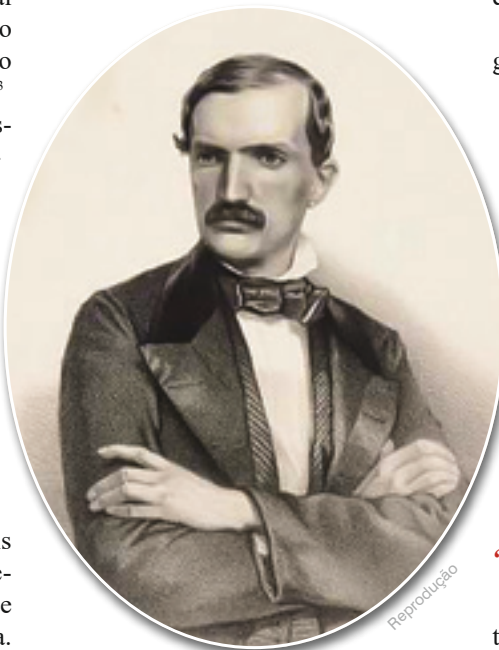
— O chefe de Estado sou eu.

A sentinela fez continência para o recluso, o qual, com passo solene, escapou da cadeia pela porta principal. E a autoridade ali firmada se consolidaria em escala nacional menos de dois anos depois.

10 de março de 1861. Em Quito, a Convenção elege Dr. Gabriel García Moreno para presidente da República, por trinta e sete votos contra um. Estava sobrepujado enfim esse enorme vulcão, o Equador.

“Tirano! Ditador!”

É o momento da grande obra deste católico apostólico romano. Mas antes de lembrarmos os desenvolvimentos impulsionados por ele, é necessário desfazer certas calúnias que o ultrajam como tirano e ditador. Vejamos com que razão.



Reprodução

A Virgem profetizara que ele seria “verdadeiramente cristão”, e faria prevalecer sua palavra

Gabriel García Moreno; na página anterior, vulcão Pichincha, Quito



Reprodução

A Mãe do Bom Sucesso apresentava Gabriel García Moreno, sua promessa realizada, ao Deus que não morre, mas triunfa nos seus mártires

Nossa Senhora do Bom Sucesso - Mosteiro Real da Imaculada Conceição; em destaque, o corpo de García Moreno logo após o atentado

É aproveitador um homem que se empobrece sempre que está no cargo, que não elege familiares para ministros, que castiga culposos ainda quando seus amigos? É ditador um homem eleito e reeleito com quase unanimidade, que tenta renunciar à presidência e não o autorizam, cuja Constituição é aclamada por todo povo? Que “ditadura” inédita...

Tirano: eis o título que lhe dão por aprovar a pena capital numa época em que esta constava nas leis de todos os países – a primeira nação a abolir a pena de morte foi Venezuela, em 1863. Um tirano que, só depois de perdoar várias vezes um general, culpado de reincentes crimes de alta traição, decreta por fim a sua execução. O militar é preso e não quer fugir, apesar do desleixo dos guardas, pagos por García Moreno para que deixassem escapar o traidor da pátria... Levado o criminoso ao cadafalso, o presidente não comparece ao ato. O que fazia? Rezava pelo condenado, como o fizera durante toda a noite – um “tirano”, convenhamos, deveras original... O Arcebispo interrompe as orações do presidente a fim de rogar clemência para o réu. E recebe a resposta de um homem de consciência a um só tempo delicada e forte:

— Se o senhor me assegura que incorro em pecado venial por esta sentença de morte, perdoe o condenado,

ainda que comprometendo a paz da República.

O prelado não tinha nada a incriminar.

Desenvolvimentos de uma nação católica

Deixando de lado as calúnias, passemos aos fatos.

Os anos de governo de García Moreno são marco de grandes desenvolvimentos do Equador. Esta terra, em trinta e nove anos, gerara nada menos que cinquenta revoluções. A estabilidade chegava por fim e, com ela, a renda anual sete vezes multiplicada, a ferrovia, o telégrafo, setecentos quilômetros de caminhos, mais de cem escolas, ensino universal... e tantos outros avanços que desafiavam qualquer capacidade de síntese.

Resumamos, portanto, tão magna obra no seu ponto nevrálgico. García Moreno buscou sobretudo “restabelecer o império da moral, sem a qual”, explicava ele, “a ordem não é mais que trégua ou cansaço e fora da qual a liberdade é engano e quimera”.⁵ Como o fez? Regando a sociedade com o espírito da Igreja.

Sua Constituição, votada por mais de 95% da população, é icônica. Nela podemos ler: “Para ser cidadão requer-se ser católico”.⁶ Diante de tudo o que decorre dessa premissa, qual o resultado? A principal prisão de Quito, com

trezentos lugares, não achou, em todo o país, senão cinquenta ocupantes.

Com o Equador assim preparado, chegava a hora de cumprir-se a profecia: “Ele consagrará a República ao Divino Coração de meu Filho Santíssimo”. No dia 25 de março de 1874, afinal, o Equador é dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. De pé, depois dos carrilhões e dos tiros de canhão, diante da nação, García Moreno se dirige ao Rei Eterno: “Este é, Senhor, o vosso povo”!

Eis aí os frutos da pujante vida interior de Gabriel. Sua atividade vinha gerando o novo Equador, porque ele mesmo estava transformado.

O vulcão produz vinhedos

O novo Gabriel dos cinquenta anos já não é o velho Gabriel da juventude. Seu temperamento, sempre magmático, obedece agora aos ditames da razão. Sua humildade faz com que peça correções e evite honras. E o povo, admirado, ainda observa seu presidente visitando leprosos, ensinando o Catecismo a agricultores, assistindo à Missa todos os dias e desfiando longamente o Rosário.

Seu programa espiritual, escrito num papel, é mais que expressivo: conservar sempre a presença de Deus, fazer o contrário do que exige o humor colérico, realizar exame de consciência três vezes ao dia, não falar de si, dominar a vista e o paladar. Eis alguns dos

propósitos levados a cabo pelo homem mais ocupado do Equador.

O Gabriel que galgara o Pichincha antes dos vinte e cinco anos só chegaria ao seu próprio píncaro depois do meio século de vida. Ao comentar uma de suas fotografias na maturidade, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira observa: “Fazendo dos defeitos como que vulcões extintos, em cujas encostas nascem vinhedos – mais ou menos como o Vesúvio que, quando se conduz bem, produz vinhedos esplêndidos –, há nele qualquer coisa de uma superior e magnífica coerência, de uma superior e magnífica retidão, [...] que fazem com que ele não esteja olhando em concreto nada nem ninguém, mas contemple algo que existe muito acima de si mesmo”.⁷

Que entrevia ele acima de si? Talvez uma promessa que sussurrava: “um presidente a quem Deus dará a palma do martírio na praça onde está este meu convento”...⁸

A vitória final

6 de agosto de 1875, primeira sexta-feira do mês, dia da Transfiguração do Senhor. O presidente do Equador está na varanda do Palácio do Governo, em frente à praça que liga o edifício ao Mosteiro Real da Imaculada Concei-

ção, das monjas concepcionistas, onde se encontra uma bela imagem da Senhora do Bom Sucesso que profetizara maravilhas em 1599.

Acaba de rezar na catedral, onde quiçá tenha repetido a Deus a súplica que dirigira ao Papa: morrer em defesa da Fé e da Igreja.



“Há nele qualquer coisa de superior e magnífica coerência, de uma superior e magnífica retidão”

Retrato oficial de Gabriel García Moreno, por Luis Cadena

De repente, um grito:
— Tirano!

E um golpe de facão se descarrega sobre a nuca de García Moreno. Este defende-se com a bengala, mas chegam outros jovens homicidas, certamente instigados ao crime por instâncias superiores. O presidente, após receber tiros e cutiladas, é lançado da varanda para a praça.

Um dos assassinos corre até ele e lanha o seu rosto com repetidas facadas, enquanto esbraveja:

— Morre! Morre!

Entre golpe e golpe, García Moreno ainda consegue forças para um derradeiro brado de Fé:

— Deus não morre!

* * *

Por sobre Gabriel, chocaram-se, nesse dia, a promessa da Virgem e o vulcão da Serpente infernal. E a promessa triunfou!

Sim, triunfou! Ela batera o Pichincha, dominara o Equador, subjugara Gabriel. Só lhe faltava vencer a Deus... E Deus só é vencido pela Cruz!

Enquanto o povo recolhia relíquias de seu bem-amado líder, a Mãe do Bom Sucesso apresentava Gabriel García Moreno, sua promessa realizada, ao Deus que não morre, mas triunfa nos seus mártires. ✙

¹ SOUSA PEREIRA, OFM, Manuel. *Vida admirable de la Madre Mariana de Jesús Torres y Berriochoa*. Quito: Jesús de la Misericordia, 2008, t.I, p.159. Vale recordar que este livro foi publicado por primeira vez em 1790 (cf. GUERRERO SAMANIEGO, Carlos Humberto. *Fray Manuel Sousa Pereira: ¿Un franciscano oculto en el olvido?* Guayaquil: [s.n.], 2019, p.18).

² Os dados históricos inseridos ao longo deste artigo foram extraídos e cotejados a partir das seguintes obras: GÁLVEZ,

Manuel. *Vida de Don Gabriel García Moreno*. Quito: Jesús de la Misericordia, 2012; BERTHE, CSsR, Augustin. *García Moreno. Le héros martyr*. Paris: Retaux-Bray, 1939; PATTEE, Ricardo. *Gabriel García Moreno. E o Equador do seu tempo*. Petrópolis: Vozes, 1956.

³ PATTEE, op. cit., p.124.

⁴ GÁLVEZ, op. cit., p.151.

⁵ Ibid., p.265.

⁶ Ibid., p.462.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 13/1/1977.

⁸ A respeito do assassinato de García Moreno, assim se expressou o Beato Pio IX, Pontífice então reinante, num discurso aos peregrinos da cidade francesa de Laval em setembro de 1875: “Sectários decretaram a morte do respeitável presidente, que tomba sob o ferro do assassino, vítima de sua fé e de sua caridade cristã para com a pátria”. No mesmo sentido se manifestou o Papa Leão XIII em 20 de janeiro de 1888, numa audiência conce-

dida a um representante do governo equatoriano: “Homem que foi o campeão da Fé Católica e a quem se aplicam, a justo título, as palavras de que se serve a Igreja para celebrar a memória dos santos mártires Tomás de Canterbury e Estanislau de Polónia: tombou pela Igreja sob o punhal dos ímpios”. O processo diocesano com vistas à beatificação de García Moreno foi aberto em 1939 pelo Cardeal Carlos María de la Torre, Arcebispo de Quito, razão pela qual ele pode ser considerado Servo de Deus.



Mártir do amor

Na fidelidade exímia à sua vocação, a “pequena flor” do Carmelo brilhou pela virtude da fortaleza como um guerreiro em campo de batalha ou um São Lourenço ardendo na grelha.



✦ Bruna Almeida Piva

Corria o ano 1887. Duas jovens francesas passeavam pela cidade de Roma numa aprazível manhã de novembro, acompanhadas pelo pai. Dirigiam-se em peregrinação ao famoso e emblemático Coliseu, que logo surgiu à frente delas, harmonioso, imponente, sério, a um só tempo leve e monumental... uma verdadeira testemunha muda, vencida, mas perseverante contra os ultrajes dos séculos.¹ À sua vista, ambas estremeceram: estavam diante do local onde tantos mártires haviam sacrificado suas vidas por Nosso Senhor Jesus Cristo!

Aproximaram-se elas para oscular aquele solo santificado com tanto sangue quando se depararam com uma barreira que as impedia de entrar... Empenharam-se, então, em descobrir uma maneira de lá ingressar. Sobre esse momento, a caçula, Teresa Martin, relatou mais tarde: “Vendo um trabalhador, que passava com uma escada, estive quase a pedir-lha. Felizmente não pus a minha ideia em prática, pois ter-me-ia tomado por louca!...”²

Pouco depois, porém, Teresa encontrou um local onde os escombros tocavam a vedação e tornavam-na transponível. Chamou depressa sua irmã, Celina, e as duas puseram-se a escalar destemidas as sagradas ruínas. “Pa-

pai olhava para nós, espantado com a nossa audácia, e logo nos mandou voltar. Mas as duas fugitivas já não ouviam nada. Assim como os guerreiros sentem aumentar sua coragem no meio do perigo, assim aumentava a nossa alegria, em proporção com o esforço que fazíamos para atingir o objeto dos

Atribuir a Santa Teresinha o título de mártir será uma lisonja superficial, imbuída mais de sentimento do que de razão?

nossos desejos. [...] Daí a pouco, [...] tendo-nos ajoelhado nessa terra sagrada, as nossas almas uniram-se numa mesma oração... O meu coração batia com muita força quando os meus lábios se aproximaram do pó empurpado pelo sangue dos primeiros cristãos. Pedi a graça de ser também mártir por Jesus, e senti, no meu íntimo, que a minha prece era ouvida!...”³

“Eis o sonho da minha juventude”

Quem quer que tenha conhecido a vida de Santa Teresinha do Menino Jesus e tomado contato com sua pequena doutrina, terá constatado a autenticidade desta sua exclamação: “O martírio! Eis o sonho da minha juventude”,⁴ sonho que cresceu com ela no claustro carmelitano como um dos traços mais salientes de sua espiritualidade.

De fato, toda a sua existência exala o precioso perfume do holocausto que tantos cristãos sofreram pela Fé nos albores do Cristianismo. No decorrer de sua trajetória por esta terra de exílio, por exemplo, muitas vezes soltava ditos como estes: “Quanto a mim, que importa viver ou morrer! [...] Acabaram-se as alegrias da terra! Não pode haver para mim senão alegrias celestes. [...] Ó Jesus! Que seja eu [vossa] feliz vítima! Consumi vossa hostiazinha no fogo do divino amor! [...] Quero ser fascinada pelo teu divino olhar, quero tornar-me presa do teu amor!”⁵

Esses fervorosos e autênticos pensamentos são tão dignos de uma mártir quanto o foram as paradigmáticas palavras do grande Santo Inácio de Antioquia: “Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo. [...] Procuro Aquele que morreu por nós;



quero Aquele que por nós ressuscitou. [...] Meu desejo terrestre foi crucificado, e não há mais em mim fogo para amar a matéria. Dentro de mim há uma água viva, que murmura e diz: ‘Vem para o Pai’.”⁶ Transcendendo os dezesete séculos que separaram as vidas destes dois Santos, suas aspirações revelam um mesmo espírito, o mesmo amor.

Por outro lado, porém, atribuir a Santa Teresinha o título de mártir pode parecer lisonja superficial, imbuída mais de sentimento do que de razão. Afinal, simples palavras, por sinceras e abrasadas que sejam, não constituem um *martírio*. Sobretudo, jamais sofreu ela qualquer perseguição religiosa até o dia em que fechou os olhos para esta vida em seu plácido leito de tuberculosa, cercada por suas irmãs de hábito, detrás dos silenciosos muros do Carmelo...

Venceria este último argumento se a Teologia não ensinasse que a vida religiosa é um verdadeiro martírio, se bem que não em sentido estrito, mas por uma profunda analogia. Comenta São Tomás de Aquino,⁷ citando São Gregório Magno, que quando alguém entrega a Deus *tudo* o que tem e *toda* a sua vida, por meio de um voto, oferece a Ele um holocausto. Ao abraçar a vocação carmelita com exímia perfeição, Santa Teresinha esgotou exaustivamente esse *todo* e brilhou pela virtude da fortaleza mais do que um guerreiro em campo de batalha,⁸ ou tanto quanto um São Lourenço ardendo na grilha.

Não há maior prova de amor...

A chave para a compreensão desse holocausto da Santa de Lisieux é seu incondicional amor a Deus. Ela própria referia-se a seu caminho espiritual como *martírio de amor*, e de fato alcançou “o exercício e o prêmio de mártir”,⁹ não pelo mesmo suplício dos mártires, como ensina Santo Agostinho,¹⁰ mas pela mesma causa: a caridade.

Como fruto imediato dessa virtude, demonstrou ela uma abnegação sem desfalecimentos. “Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-Me” (Mt 16, 24), ensinou o Divino Mestre. E Santa Teresinha fez de tais palavras a regra de sua conduta, o látigo com que ela mesma dilacerou a natureza pecadora para oferecê-la em sacrifício a Deus. Em confirmação dessa verdade, muitos seriam os exemplos de sua vida que poderiam ser aqui narrados, dos quais recolhemos apenas alguns.

Como relata uma de suas noviças, em seus momentos livres ou mesmo de trabalho, cuidava de sempre atender com amabilidade a qualquer uma que lhe interrompia, mesmo quando abusavam de sua boa vontade ou lhe exigiam exercer algum serviço ao qual não estava obrigada. Para ela, esta era a postura mais natural e desdobrava-se para contentar a todas.

Em relação a uma irmã de hábito que, segundo conta a própria Santa, possuía o dom de desagradá-la *em tudo*, e que ocasionou-lhe muitos e violentos combates interiores, portava-se com a maior amabilidade possível. Buscava

sempre sua companhia e costumava sorrir-lhe com tanto afeto que a religiosa chegou a crer-se especialmente querida. “Desde que nos conhecemos”, afirmou esta certa vez, com ingenuidade, “experimentamos uma atração mútua irresistível”.¹¹ A própria comunidade acreditava haver entre as duas uma terna amizade, tão grande que chegou a provocar certa inveja a Maria, irmã de sangue de Santa Teresinha...

Outro exemplo encantador dado pela santa carmelita foi sua conduta com uma de suas noviças, de índole tenaz e modesta inteligência. Ir. Marta de Jesus, como se chamava, assim declarou mais tarde: “[A Serva de Deus] foi para mim de uma bondade e de uma caridade que não poderá revelar-se senão no Céu [...]. Com efeito, eu a fiz sofrer muito por meu caráter difícil; mas posso afirmar, com toda a sinceridade, que conservou sempre a mesma doçura, a mesma igualdade de [trato]. [...] Nunca me rejeitou apesar da frequência de minhas visitas; nunca manifestou o menor fastio ao receber-me”.¹²

Ir. Marta costumava enfadar-se com ela e, certa vez, chegou a dizer-lhe coisas

“Pedi a graça de ser também mártir por Jesus, e senti, no meu íntimo, que a minha prece era ouvida”

Coliseu - Roma; em destaque, Santa Teresinha do Menino Jesus em 1885. Na página anterior, a santa carmelita em 1889



Reprodução





que certamente lhe causaram grande pesar. Santa Teresinha não demonstrou qualquer desagrado e respondeu com calma e bondade, chamando-a, em seguida, para acompanhá-la num trabalho. Aborrecida, a noviça quis então testar a paciência da Santa e não respondeu mais ao que ela dizia. Afinal, porém, não pôde senão render-se à sua bondade e pedir-lhe perdão por seu mau comportamento.

Por ter se portado como uma mãe diante dos numerosos caprichos, extravagâncias e brutalidades dessa religiosa, Santa Teresinha ganhou-lhe imensa estima e terminou por conquistá-la para Deus, tornando-a boa religiosa. “Eu não me cansava de ver com que caridade me tratava”, relata Ir. Marta; “[não] saberia expressar a grande abnegação que ela infundiu em minha alma”.¹³

Fidelidade à regra

Se em relação às suas companheiras de claustro Santa Teresinha provou a autenticidade de seu amor a Deus

(cf. I Jo 4, 20-21), por sua observância à regra carmelitana manifestou a radicalidade desse amor e sua audácia.

De saúde delicada, sofreu ela constantes e fortes moléstias de estômago desde seu ingresso na vida religiosa. No entanto, jamais pedia dispensa dos exercícios comuns e dos trabalhos penosos. Tinha como norma aguentar-se até o esgotamento, antes de queixar-se à superiora. “[Se] posso ainda caminhar”, dizia ela, “devo estar em minha obrigação”.¹⁴

“Não devemos nos permitir uma vida cômoda. Já que pretendemos ser mártires, é preciso usar os instrumentos que temos para isso”

Não é difícil imaginar quanto lhe custaram, em meio a tais moléstias, as longas horas do cântico do Ofício, a alimentação austera, as curtas noites de sono tantas vezes passadas em claro por causa do frio, ao qual era muito sensível... Quem poderia calcular o valor desses sacrifícios obscuros suportados ao longo de anos? E ela perseverou nesse propósito mesmo após o início da tuberculose, enfermidade que a levou à morte...

“Não devemos nos permitir uma vida cômoda. Já que pretendemos ser mártires, é preciso empregar os instrumentos que temos para isso”,¹⁵ ensinava ela. O árduo desse martírio está em que o religioso deve aplicar-se a si mesmo, voluntária e amorosamente, os instrumentos de suplício, sem o concurso de impiedosos verdugos, e isso quando a natureza humana preza demais a própria carne para aborrecê-la, e ama demais sua vida para perdê-la por inteiro no serviço de Deus.¹⁶

Santa Teresinha completou seus dias sem soltar palavras inúteis, sem

Reprodução



Se em relação às suas companheiras de claustro ela provou a autenticidade de seu amor a Deus, por sua observância à regra carmelitana manifestou a radicalidade desse amor e sua audácia

Religiosas do Carmelo de Lisieux em período de trabalhos; em destaque, Santa Teresinha do Menino Jesus

perder um minuto, sem consentir numa única falta de caridade ou num só impulso de mau humor, sem a mínima infidelidade à regra. Em uma palavra, não deixou escapar nenhum pequeno sacrifício; e esses *nadas*, como os considerava ela, é que a moeram e transformaram em puro trigo de Deus.¹⁷

“É unicamente a imolação total de si mesmo que merece o nome de amor”.¹⁸ eis a essência do martírio e a definição de vida da Santa de Lisieux. Quantos mártires, sujeitos de boa vontade à crueldade de seus verdugos, vacilariam em se entregar a essa morte contínua, de todos os momentos. Cansar-se-iam, talvez, desse holocausto “às alfinetadas”¹⁹ e apostatariam... pois é mais fácil abraçar a morte em um instante pela fé em Cristo do que entregar-Lhe dia a dia, parte a parte, o caríssimo dom da vida.²⁰

A perfeição de todos os sacrifícios

A fisionomia humana é reflexo da alma. Concluamos, pois, estas considerações contemplando por alguns instantes uma fotografia de San-



“É unicamente a imolação total de si mesmo que merece o nome de amor”

Santa Teresinha em 1896

ta Teresinha. Dentre as tantas que se prestariam a nossa análise, observemos esta, em que ela aparece de joelhos, segurando lírios brancos em frente a uma cruz.

Segundo comenta Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, a fisionomia apresenta-se indizivelmente dolorosa, mas sorridente; não procura esconder a própria dor, “mas afirmar-se por um prodígio de virtude, de fidelidade à graça, apesar da dor. Os lábios sorriem só porque a vontade quer que eles sorriam”,²¹ numa atitude de profunda fé. Seu olhar luminoso irradia paz, deixando apenas entrever, por detrás, um desses oceanos de sacrifício tão grandes que só em uma alma católica e generosa podem caber.

Fitando essa figura angelical, afloram em nossos lábios poucos elogios mais adequados para qualificá-la que o de *mártir* da vida religiosa. Procuremos, então, admirá-la; mas não com esses encantos efêmeros e infrutíferos próprios à mentalidade hodierna, e sim com espírito católico, que nos leva a imitar as virtudes que amamos.

E para obtermos bom êxito nessa imitação, supliquemos: ó Santa Teresinha do Menino Jesus, ensinaí-nos a encontrar no amor às nossas pequenas cruzeiras a perfeição de todos os sacrifícios de nossa alma! ✠

¹ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Dois ideais: o direito e a máquina. In: *Catolicismo*. Campos dos Goytacazes. Ano IV. N.42 (jun., 1954); p.7.

² SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE. Manuscrito A. In: *Obras Completas*. Marco de Canaveses: Carmelo, 1996, p.171. Tradução ligeiramente modificada.

³ Ibid.

⁴ Idem. Manuscrito B. In: *Obras Completas*, op. cit., p.228.

⁵ O ESPÍRITO DE SANTA TERESA DO MENINO JESUS. Conforme seus escritos e as testemunhas oculares de sua

vida. 7.ed. São Paulo: Paulus, 2023, p.65; 217-221.

⁶ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos romanos, c.IV, n.1; c.VI, n.1; c.VII, n.2. In: *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p.105-107.

⁷ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.186, a.6.

⁸ Cf. BARRIOS MONEO, CMF, Alberto. *Santa Teresita. Modelo y mártir de la vida religiosa*. 6.ed. Madrid: Coculsa, 1967, p.345.

⁹ BARRIOS MONEO, CMF, Alberto. *La espiritualidad de Santa Teresa de Lisieux a la*

luz de los procesos de su canonización y de sus “Manuscritos autobiográficos”. Madrid: [s.n.], 1958, t.II, p.83.

¹⁰ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Enarrationes in Psalmos*. Salmo 34, Sermo II, n.13.

¹¹ BARRIOS MONEO, *Santa Teresita. Modelo y mártir de la vida religiosa*, op. cit., p.208.

¹² Ibid., p.194.

¹³ Ibid., p.195.

¹⁴ Ibid., p.348.

¹⁵ Ibid., p.350.

¹⁶ Cf. ibid.

¹⁷ Cf. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAN-

TA FACE. Últimos colóquios. In: *Obras Completas*, op. cit., p.1203.

¹⁸ O ESPÍRITO DE SANTA TERESA DO MENINO JESUS, op. cit., p.42.

¹⁹ Cf. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE. Carta 74. In: *Obras Completas*, op. cit., p.381.

²⁰ Cf. BARRIOS MONEO, *Santa Teresita. Modelo y mártir de la vida religiosa*, op. cit., p.345.

²¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Paz de alma no Tabor e no Calvário. In: *Catolicismo*. Campos dos Goytacazes. Ano X. N.111 (mar., 1960); p.7.



Sacerdote, apóstolo e... escravo!

O epitáfio gravado em seu túmulo – “Escravo dos escravos” – recorda-nos não apenas quem foi ele, mas, sobretudo, qual o melhor meio de tornar-se grande diante de Deus: fazer-se escravo dos outros pela caridade.

✎ Arthur Felipe Grando Leal



Stefan Zweig, escritor austríaco de fama mundial, relata no prólogo de sua obra sobre Fernão de Magalhães aquilo que o motivou a estudar as aventuras dos tempos dos descobrimentos e das grandes navegações.

Certo dia, bem instalado num transatlântico com todas as comodidades que um navio desse porte oferece, viajava para a Argentina, onde o esperava um grupo de amigos. Após sete ou oito dias de viagem, as horas lhe pareciam intermináveis e fastidiosas.

Considerando a lentidão dos ponteiros de seu relógio, análoga à baixa

velocidade do navio no mar, o famoso escritor foi assaltado por um repentino sentimento de vergonha. A simples comparação de sua viagem com a de um navegador da época dos descobrimentos o enrubesceu! Estava fazendo a mais tranquila das travessias, num esplêndido e luxuoso navio, com todas as comodidades imagináveis. Quando à noite baixava a temperatura, bastava-lhe apertar o botão do aquecedor de ar; quando ao meio-dia o clima se tornava abrasador, tinha à sua disposição um ventilador e até uma piscina; sobre a mesa do restaurante, havia pratos ape-

titosos e bebidas requintadas; se desejasse preencher o tempo com proveitosa leitura, lá estava uma vasta biblioteca; e não faltavam ambientes acolhedores para jogos e música.

Nessa situação de conforto, recordar-se das expedições marítimas de antanho era para ele humilhante e até constrangedor: épocas em que homens como ele embarcavam em frágeis caravelas, decididos a desbravar mares desconhecidos, enfrentando as inclemências do tempo, a escassez de alimentos e de água potável, numa aventura cujo bom termo era em extremo incerto.

Ora, a uma aventura deste porte lançou-se em 1610 um jovem religioso jesuíta, de nome Pedro Claver, tendo por único objetivo a salvação das almas.

“Vida oculta”

Pedro Claver nasceu em Verdú, Espanha, em 25 de junho de 1581. Ao período transcorrido entre seu nascimento e a profissão dos votos simples na Companhia de Jesus, com vinte e um anos, alguns autores denominam sua “vida oculta”. Isso se deve à escassez de informações, documentos e relatos biográficos de sua infância e adolescência.

Sabe-se, entretanto, que o acontecimento decisivo para a sua formação e o cumprimento de sua vocação foi o encontro com outro religioso da Com-

panhia de Jesus, Santo Afonso Rodríguez, que exerceu durante quarenta e sete anos o humilde cargo de porteiro no Colégio Nossa Senhora do Monte Sião, na ilha espanhola de Maiorca.

Um guia, mestre e modelo

Afonso Rodríguez bem sabia que a santidade é o estado próprio de quem faz constantemente a vontade de Deus. Assim, a simplicidade de sua função, exercida com extremo amor à obediência, nunca constituiu para ele obstáculo a seu mais alto ideal: honrar, amar e servir o Criador. A docilidade, a submissão e a fidelidade à vocação compunham o perfil daquele que seria o mestre de Pedro Claver, fazendo-o trilhar as vias da imitação de Cristo.

Tão proveitoso foi o convívio entre esses dois santos jesuítas que um de seus biógrafos pôde afirmar: “Sem Santo Afonso Rodríguez, não se explicaria nem existiria São Pedro Claver”.¹ Consta que, ao se encontrarem por primeira vez, os dois se abraçaram sem poder reter as lágrimas. Santo Afonso foi quem inspirou, orientou e até previu a missão de Pedro Claver.

Que missão era essa?

Pedro, “*duc in altum*”!

Pedro Claver sentia-se chamado a, literalmente, avançar para águas mais profundas, seguindo o mandato de Nosso Senhor ao Príncipe dos Apóstolos: “*Duc in altum!*” (Lc 5, 4). Deus o convocava para atravessar mares desconhecidos e ser um grande pescador de homens, num continente repleto de dificuldades.

Contudo, não se tratava apenas de uma voz ou moção interior. Sua missão fora claramente expressa por Santo Afonso Rodríguez, num dia em que os dois se encontravam sentados à sombra de uma árvore, no pátio do colégio. Dis-



Como o Príncipe dos Apóstolos, São Pedro Claver foi convocado por Deus para atravessar mares desconhecidos e ser um grande pescador de homens

São Pedro Claver - Paróquia Sagrado Coração de Jesus, Santander (Espanha); na página anterior, caravelas no mar - Coleção particular

se-lhe seu respeitável ancião: “Quantos ociosos existem na Europa que poderiam ser apóstolos na América!” E, com lágrimas na face, acrescentou: “Que a caridade de Deus não deixe de sulcar aqueles mares que a avariza humana já soube cruzar. Não valem também aquelas almas a vida de um Deus? Porventura não morreu Ele também por elas? Ah, Pedro, meu filho amadíssimo, por que não vais tu também recolher o Sangue de Jesus Cristo?”

Para Pedro Claver, era evidente que Deus manifestava sua vontade por meio dessas palavras de seu mestre. Sem embargo, falar da América naqueles tempos causava espanto até nos missionários mais arrojados. Por isso mesmo, Afonso Rodríguez não deixou de incentivá-lo: “Não sabe amar quem não sabe sofrer, e lá te espera... Ah! Se soubesses o grande tesouro que te está preparado!”

Pouco tempo depois, aos vinte e nove anos de idade, Pedro zarpava do

porto de Sevilha, despedindo-se definitivamente da Europa no dia 15 de abril de 1610.

As “vozes” não mentiram

Longas e perigosas eram as viagens naquele tempo, mas ele chegou sem grandes problemas a Cartagena das Índias, na Nova Granada – atual Colômbia.

No final da vida, São Pedro Claver revelou em confidência outra parte da profecia de seu mestre. Afirmou, com alegria de vê-las cumpridas, que ele lhe comunicara com clareza três coisas: a primeira, que seu trabalho se dirigiria sobretudo aos negros; a segunda, que se desenvolveria na Nova Granada; a terceira, que se daria especificamente em Cartagena das Índias.

No início da missão, algo parecia contradizer o prenúncio, pois foi enviado primeiro a Bogotá e depois a Tunja. Contudo, as duas missões a ele confiadas nesse período somaram apenas três anos dos mais de quarenta vividos na Colômbia. As “vozes” de Santo Afonso não mentiram!

Retornando a Cartagena, Pedro não tardou a iniciar seu labor apostólico com os escravizados trazidos da África.

Depois de um período de incerteza e de discernimento sobre sua vocação ao sacerdócio, recebeu ele o Sacramento da Ordem em 19 de março de 1616, configurando-se com Cristo, Sacerdote e Vítima. A partir de então, seu apostolado seria muito mais eficaz e fecundo.

Libertos da pior escravidão

Não temos elementos para compor por inteiro o quadro dos sofrimentos pelos quais passavam, nos navios negreiros, aqueles seres humanos reduzidos à situação de escravos. Entretanto, por misericordioso desígnio divino, cruzar o Oceano Atlântico, qual novo

Mar Vermelho, trar-lhes-ia a libertação de outra escravidão: a do pecado.

Deus – que sabe tirar o bem até das circunstâncias de calamidade e desgraça – preparou um guia capacitado a dar-lhes algo que eles sequer podiam imaginar: a vida divina, por meio das águas do Batismo. À beira-mar, não longe do porto, estava Pedro Claver à espera daqueles cativos, que necessitavam com urgência de curativos para o corpo e, muito mais, de cuidados para a alma.

Quando chegava uma embarcação, ele corria de imediato até ela, acompanhado de intérpretes, portando alimentos, bebidas e remédios. Entrava sem hesitação nos porões pestilentos e nauseabundos, com a intenção de limpar feridas, fazer bandagens e abrir os corações daqueles desventurados para a graça de Cristo. Com afetuosas palavras que enchiam a todos de confiança, ia aos poucos preparando aquelas almas para receber o Batismo e fazer o propósito de levar uma vida cristã, fundada na prática dos Mandamentos.

Morto para si, vivo para Deus

Por intermédio do Pe. Pedro Claver, Deus Se revelava àqueles pobres desterrados como um Pai benigno, acolhedor, misericordioso. O santo missionário batizou cerca de trezentos mil negros ao longo de seus quarenta e quatro anos de missão apostólica. Seu amor à Santíssima Virgem levava-o também a pregar com grande entusiasmo a devoção ao Santo Rosário, o qual ele próprio confeccionava e distribuía aos milhares todos os anos.

Seus quatro últimos anos nesta terra transcorreram na enfermaria do convento, com o corpo praticamente imobilizado em decorrência de uma doença. Aquele que, a exemplo de

São Paulo, se fizera tudo para todos (cf. I Cor 9, 22), passava os dias em silenciosa contemplação, abandonado e esquecido pelos homens. Um derradeiro sofrimento lhe estava ainda reservado: o jovem escravo – um daqueles a quem ele dedicara toda a sua vida –, designado como seu enfermeiro, portava-se na verdade como cruel algoz,



Para ser grande diante de Deus, o homem deve ser escravo dos outros pela caridade, suportando em sua carne os sofrimentos de Cristo

São Pedro Claver batizando um escravo -
Igreja de São Pedro, Lima

tratando-o com suma brutalidade e muitas vezes o privando do alimento necessário.

Até o fim de seus dias, Pedro Claver foi um homem morto para si mesmo, para suas preferências, suas comodidades, sua glória pessoal. Para ele, como outrora para o Apóstolo das Gentes, o viver em função de seus cativos foi lucro, e o morrer, uma vantagem que o levou ao Céu (cf. Fl 1, 21).

A notícia de sua morte próxima pareceu despertar Cartagena das Índias do letargo sobrenatural em que jazia. A cidade inteira – escravos e livres, ricos e pobres – passou junto ao leito onde ele agonizava para prestar-lhe seu preito de gratidão, manifestando a veneração devida a um verdadeiro santo.

Aureolado de grandes méritos, ele partiu deste mundo para a bem-aventurança eterna no dia 8 de setembro de 1654, festa da Natividade da Celestial Senhora que ele tanto amou. Deixou um corpo que parecia apenas adormecido, exalando um suave e agradável odor.

Sua vida, um valioso legado

Hoje o epitáfio *Escravo dos escravos*, gravado sobre o altar que guarda seus restos mortais, recorda que, para ser grande diante de Deus, o homem deve servir aos outros pela caridade, suportando em sua carne os sofrimentos de Cristo (cf. Cl 1, 24).

Como as palavras *sofrimento*, *cruz* e *sacrifício* estão longe do vocabulário moderno! Quanto são objeto de ojeriza e de menosprezo!...

Entretanto, embora a vida contemporânea esteja repleta de prazeres, comodidades e confortos, nunca deixará de ter momentos de dor, de drama e de perplexidade. Se, nas adversidades, nos lembrarmos de São Pedro Claver, teremos valor e coragem para abraçar a Cruz de

Cristo, sacrificar-nos sem reservas pela salvação das almas e, como ele, nos fazermos escravos uns dos outros pela caridade (cf. Gl 5, 13). ✠

¹ VALTIERRA, SJ, Ángel; HORNEDO, SJ, Rafael Maria de. *San Pedro Claver: Esclavo de los esclavos*. 2.ed. Madrid: BAC, 1997, p.34. Os dados biográficos contidos no presente artigo foram tomados da mesma obra.



Testemunhar a verdade com altivez e destemor

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§2471 Diante de Pilatos, Cristo proclama que “veio ao mundo para dar testemunho da verdade”. O cristão não “se envergonha de dar testemunho do Senhor” (II Tm 1, 8). Nas situações que requerem a declaração da fé, o cristão deve professá-la sem equívoco, a exemplo de São Paulo diante de seus juízes. Ele deve manter “uma consciência irrepreensível, constantemente, diante de Deus e diante dos homens” (At 24, 16).

O *Catecismo* sintetiza uma missão fundamental na vida do batizado: o dever de proclamar e defender as verdades da Fé. Para esse fim, o texto propõe dois modelos-chave: Nosso Senhor Jesus Cristo, ápice da virtude e da santidade, e São Paulo, exemplo notável de intrepidez e integridade.

Ao remeter ao diálogo do Redentor com Pilatos (cf. Jo 18, 37), o *Catecismo* convida à reflexão sobre o testemunho da verdade. São Tomás de Aquino,¹ na introdução da *Suma contra os gentios*, cita precisamente essa passagem do Evangelho para defender que o ofício próprio do sábio é a dedicação à contemplação desta Verdade Suprema, isto é, Deus, origem de toda verdade.

Com notável didática, o Aquinate explica que assim como a Medicina promove a saúde e repele a enfermidade, o sábio precisa meditar sobre Deus e refutar todo erro e falsidade, conforme afirma o Livro dos Provérbios: “Minha boca meditará sobre a verdade e meus lábios detestarão a iniquidade” (8, 7).

Dar testemunho de Cristo exige abnegação e coerência, virtudes que São Paulo incutiu em seu discípulo Timóteo (cf. II Tm 1, 8).

Reafirmando essa vocação, o Concílio Vaticano II² recorda que os cristãos devem manifestar, pelo exemplo e pelo testemunho da palavra, a vida nova re-

cebida no Batismo e revigorada pela Confirmação. A defesa intrépida da verdade feita pelo Apóstolo diante do governador Félix (cf. At 24, 16) atesta que a credibilidade da testemunha cristã não reside apenas nas palavras, mas na autenticidade e integridade da vida.

Diante da atual sociedade neopagã, muitas vezes hostil ou indiferente à Fé, a vocação universal à santidade exige coragem. Fortalecidos pelos Sacramentos e recorrendo à intercessão

de Maria Santíssima – cujo modelo de destemida fidelidade junto à Cruz é paradigma para todos –, os fiéis são convocados a cumprir, com retidão, essa sublime e honrosa missão de testemunhas do Redentor. ✠

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Summa contra gentiles*. L.I, c.1.

² Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Ad gentes*, n.11.



Reprodução

Chamado a contemplar a Verdade Suprema, o sábio deve meditar sobre Deus e refutar todo erro e falsidade não apenas por palavras, mas também pela autenticidade e integridade da vida

“Jesus diante de Pilatos”, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença (Itália)



Remédio para todos os males

Como outrora velando pelo bem-estar de seus filhos, hoje Dona Lucilia espreita as oportunidades para aliviar, com sua maternal intercessão, os males daqueles que a ela recorrem.



✠ Elizabete Fátima Talarico Astorino

Confiança e mãe são praticamente sinônimos. Não há filho que não confie em sua mãe e, onde não há boa mãe, dificilmente florescerá a verdadeira confiança. Quiçá seja por isso que, nas mãos de Dona Lucilia, devotos de todos os quadrantes decidem confiar os seus pedidos, dificuldades e necessidades, sejam elas grandes ou pequenas... É o que comprovaremos ao longo destas linhas.

Um pedido e um atendimento imediato

O Prof. Edson Sampel, de São Paulo – conhecido leitor por sua devoção a Dona Lucilia –, remeteu-nos mais um relato sobre um pequeno episódio em que a presença discreta – porém, eficaz – de Dona Lucilia se fez sentir. Segue o seu depoimento:

“Estávamos, minha mulher e eu, afoitos em casa à procura de uns euros. Não nos lembrávamos direito onde os havíamos guardado. Ou melhor: eu sabia perfeitamente onde havia colocado a pecúnia, mas não estava mais lá. Já pensávamos em coi-

sas ruins, como, por exemplo, a entrada de um ladrão em nosso apartamento.

“Em certa hora, resolvemos parar de procurar o dinheiro. Eu fiquei muito nervoso. Então, decidi rezar o Ter-

ço. Ao cabo da segunda dezena, como sempre, peço a intercessão de Dona Lucilia. Naquela tarde pedi-lhe intensamente que me ajudasse. Ora, terminei de rezar o Terço e pus-me novamente à cata dos euros. No primeiro lugar onde procurei, encontrei o dinheiro!”

Uma amiga para todas as horas

Como o Prof. Edson, há muitos que têm comprovado o quanto basta uma pequena oração para que Dona Lucilia rogue junto ao Sacratíssimo Coração de Jesus pelas intenções de quem a ela recorre. De terras lusas, Da. Maria Laura Gonçalves Brandão envia-nos um suscito, mas comovente testemunho da intervenção de Dona Lucilia em favor dela, uma mãe aflita pelas tristezas da própria filha.

Com efeito, conta-nos a leitora portuguesa que decidiu colocar nas mãos de Dona Lucilia seu pedido de que a infertilidade da filha fosse vencida e ela, afinal, pudesse ter a alegria de estreitar nos braços um neto. Eis as suas palavras:



Reprodução

Tendo colocado nas mãos de Dona Lucilia a dificuldade de sua filha, Da. Maria Laura agora dá graças a Deus pelo seu primeiro neto

Da. Maria Laura e seu esposo juntos ao neto

“Venho por este meio agradecer uma graça extraordinária que pedi e recebi do Sagrado Coração de Jesus, por intermédio de Dona Lucilia. A minha filha queria ter filhos porque já tinha perdido dois bebês meninos, e fez vários tratamentos e não conseguia engravidar. Depois de eu pedir e rezar a Dona Lucilia, ela fez outro tratamento e engravidou. Correu tudo bem com a gravidez e com o parto, e até aqui. Tenho um netinho com quinze meses e a minha filha está grávida novamente de vinte e quatro semanas. Peço que rezem por ela, porque já tem quarenta e cinco anos.

“Agradeço que me encaminhem este ‘milagre’ a quem de direito para ser publicado, para podermos louvar a Deus e glorificar a nossa amiga Dona Lucilia, que nos protege em todas as horas!”

O início de um calvário

Em recente visita ao Paraguai, tive a oportunidade de conhecer uma abençoada família, muito católica e devota de Dona Lucilia, que obteve o auxílio eficaz dessa bondosa mãe alguns anos atrás para um de seus membros, Valeria Gutiérrez, quando esta descobriu um perigoso tumor no cérebro.

Foi Micaela, irmã de Valeria, quem me narrou os pormenores da penosa situação pela qual passaram, e como a enfrentaram em família, todos unidos nas intenções e nas orações, encomendando a completa solução do caso aos cuidados de Dona Lucilia.

Tudo começou no dia 17 de janeiro de 2023. Valeria teve de ser internada no hospital devido a fortes dores no pescoço e a uma estranha dormência no braço esquerdo. Foram realizados vários exames a fim de conhecer a causa de tal mal-estar, e afinal se descobriu a existência de um tumor cerebral de grandes dimensões na região frontal da

cabeça. Conta-nos Micaela o que se seguiu à notícia:

“Tão grande foi a angústia ao ficarmos sabendo disso que decidi recorrer à ajuda dos Arautos do Evangelho. Um sacerdote arauto foi visitá-la no hospital levando consigo uma fotografia de Dona Lucilia, a quem rezamos e a cuja intercessão ‘milagrosa’ recorremos desde o primeiro momento. Esta ima-



Confiando na intercessão de Dona Lucilia, Valeria enfrentou uma cirurgia de oito horas. O resultado foi a completa extração do tumor e uma surpreendente recuperação

Valeria Gutiérrez com um quadro de Dona Lucilia

gem não se separou de Valeria até sua recuperação”.

Perplexidades e esperanças

Como é natural, o desejo de que Valeria conseguisse superar essa prova era grande por parte de todos os seus familiares; porém, os médicos davam prognósticos pouco favoráveis. Assim continua seu relato Micaela:

“O primeiro neurocirurgião com quem conversamos disse que era pre-

ciso realizar urgentemente uma biópsia para saber se o tumor era maligno. No dia 25 de janeiro, Valeria foi submetida a um procedimento para tal. O resultado foi um meningioma com características benignas.

“Dias depois, o mesmo médico convocou uma reunião familiar e nos alertou que, devido ao tamanho do tumor e à região em que estava localizado, as sequelas de uma operação poderiam ser muitas: entre elas, meningite, perda dos sentidos, perda de mobilidade e até deformidade facial pós-operatória... Segundo ele, operá-la no Paraguai teria poucas chances de sucesso, e por isso sugeriu levá-la ao exterior para uma segunda opinião”.

O quadro era sombrio. Contudo, segundo o relato de Micaela, uma luz veio iluminar a situação:

“Naquele momento decidimos, por inspiração divina, consultar outro neurocirurgião que acabava de chegar dos Estados Unidos. Depois de analisar o caso, ele disse que estava capacitado para realizar essa operação no Paraguai, pois tinha os instrumentos necessários para a intervenção; entretanto, frisou que o mais importante era contar com a ajuda de Deus, sobretudo neste caso, devido à sua complexidade”.

As possibilidades de êxito e as boas disposições do médico deram nova esperança à família.

Entretanto, o profissional também esclareceu que, na impossibilidade de remover totalmente o tumor, Valeria necessitaria enfrentar algumas sessões de radioterapia.

Intervenção e recuperação surpreendente

Fizeram-se os preparativos para a intervenção cirúrgica. Prossegue o relato de Micaela:

“No dia 11 de fevereiro, dia de Nossa Senhora de Lourdes, um

sacerdote dos Arautos voltou a visitar Valeria antes de sua cirurgia, para administrar-lhe os devidos Sacramentos, e insistiu em recorrermos à intercessão de Dona Lucília”.

Assim o fizeram, tanto ela quanto sua família, e confiando em Dona Lucília enfrentaram a cirurgia, realizada no dia 13 de fevereiro, com duração de oito horas:

“Quando o médico saiu para conversar conosco, disse que se encontrava muito satisfeito com o resultado da operação, pois conseguira extrair por completo o tumor. Ele afirmou estar muito surpreso com a rápida e favorável reação pós-operatória. Valeria acordou de imediato, lúcida e aparentemente com a maioria dos sentidos intactos. De fato, o médico ficou admirado quando ela disse: ‘Estou sentindo frio’”.

Valeria teve uma recuperação surpreendente. Permaneceu na UTI por apenas dois dias e, como única seqüela desse momento difícil, apresentou uma leve perda de olfato e paladar – um desfecho muito suave diante dos riscos que correu. Assim, recebeu alta antes do esperado e não precisou de qualquer tratamento pós-operatório.

Um pequeno incômodo se transforma em tragédia

Também a uma família de Maringá, interior do Paraná, Dona Lucília foi um amparo seguro num momento de aflição. Trata-se de Da. Patrícia Borges e seu esposo, Sr. Mateus Fernando Borges, que narram o acontecido com o filho Felipe:

“Na madrugada do dia 24 de abril de 2025, o Felipe acordou tossindo mui-



Reprodução

“Sra. Da. Lucília, mãe nossa: ajudai-nos!” foi a súplica formulada por Felipe; minutos depois ele se levantou, já recuperado do grave estado em que ingressara no hospital

Felipe com a biografia de Dona Lucília nas mãos

to e com uma respiração bem ofegante. Eu lhe dei um medicamento e ele voltou a dormir. Mas durante a manhã, como ainda continuasse tossindo bastante, nós decidimos que não fosse para a escola. Fiquei em casa com ele e meu esposo foi trabalhar. Entretanto, percebi que durante toda a manhã meu filho respirava com muita dificuldade”.

O que até então parecia um mal-estar passageiro começou a configurar-se como um complexo problema, razão pela qual Da. Patrícia pediu a seu esposo que voltasse do trabalho para levar o menino ao hospital. Narra Da. Patrícia:

“Nesse intervalo de tempo, percebi que o Felipe estava piorando muito e decidi eu mesma levá-lo ao médico. Fui pegar as chaves do carro, que estavam sobre o livro de Dona Lucília¹, peguei a chave e o livro junto, coloquei

o Felipe no carro e fomos para o hospital. Durante o trajeto meu filho já estava se debatendo muito, e eu via que ele estava quase sem respirar. Então dirigi o mais rápido possível! Quando parei no estacionamento do hospital meu filho já não conseguia sair do carro e andar, ele estava desfalecido...”

Aflita, Da. Patrícia entrou no hospital com o filho nos braços, implorando por socorro. Foi encaminhada imediatamente ao consultório, onde a médica avaliou a saturação do menino e constatou a gravidade do seu estado: 97% do pulmão de Felipe estava comprometido, o que significava que ele respirava com apenas 3% da capacidade pulmonar! Diante da urgência, a médica decidiu por um tratamento de emergência, conduzindo a mãe para a sala onde o procedimento seria

realizado. Continua o relato:

“Peguei o Felipe no colo e nós fomos correndo pelos corredores do hospital. Enquanto isso, a médica foi me explicando o procedimento que seria feito, um misto de bombinha e inalação pois, se fosse usado o oxigênio diretamente, o meu filho não resistiria. Chegamos ao local da medicação, vieram várias enfermeiras e colocaram uma bombinha no Felipe. Eu fiquei ali sem reação, sem saber o que fazer e o que pensar, vendo o meu filho desfalecido, sem falar, sem sequer se mexer...”

“Um menino que não respira, não corre...”

Após os primeiros cuidados, a médica julgou necessário internar a criança na UTI, pois o quadro era muito grave. Explicou a situação para a Da. Patrícia

e retirou-se a fim de fazer a documentação. Tal notícia deixou-a consternada:

“Meu coração disparou, as minhas pernas gelaram e eu não sabia o que fazer. As enfermeiras continuaram aquele procedimento, a médica saiu, eu me sentei e fiquei ali olhando para o meu filho. Depois da segunda dose de inalação, as enfermeiras saíram e ficamos somente eu e ele. Nesse momento, abri a minha bolsa e tirei o livro de Dona Lucília”.

Convém explicar o motivo pelo qual Da. Patrícia se encontrava com este livro. Pouco tempo antes, ela ouvira falar de Dona Lucília e, desejosa de conhecer a sua história, conseguiu emprestado um exemplar de sua biografia. Prossegue sua narração:

“Quando Felipe viu o livro, tirou o inalador e exclamou: ‘Sra. Da. Lucília, mãe nossa: ajudai-nos! Não é, mamãe?’ Eu respondi: ‘Sim, filho, vamos pedir para que Dona Lucília nos ajude!’”

Minutos depois, Felipe manifestou o desejo de se levantar. Da. Patrícia sugeriu carregá-lo ao colo, mas o menino recusou enfaticamente: “Não precisa, mamãe!” E, unindo às palavras os fatos, retirou o inalador, desceu da maca e saiu do quarto correndo...

Admirada, uma das enfermeiras que caminhava pelo corredor em direção ao quarto do menino para atendê-lo perguntou à mãe: “Quem saiu correndo por aqui foi o Felipe?! Isso não é possível! Uma criança que não respira, não corre...”

A enfermeira tinha toda a razão, mas a questão é que a criança já respirava sem dificuldade.

Mais uma carícia de mãe

De volta ao quarto, Felipe fez mais uma sessão de medicação e, como não tinha almoçado, pediu algo para comer. A enfermeira, muito prestativa, perguntou o que ele queria. O menino respondeu de imediato: “Eu quero macarrão ao alho e óleo, com bastante bacon!”

O pedido arrancou sorrisos da enfermeira e da mãe, já que era impro-

vável encontrar tal prato no hospital. Suavizando a situação, a enfermeira esclareceu: “Felipe, isso eu não consigo, é impossível. O que posso conseguir é um pouco de macarrão, mas em uma sopa”.

Em seguida, o funcionário responsável pelas refeições, que passava pelo corredor, entregou uma única marmita disponível a Da. Patrícia. A surpresa dela foi imensa ao abrir o recipiente e encontrar exatamente o prato que o filho havia pedido!

Sem dúvida, tratava-se de mais um afago de Dona Lucília, que velava pela saúde do menino com a mesma dedicação e solicitude com que, no passado, havia cuidado de seus próprios filhos.

Na despedida: uma confirmação

Medicado e bem alimentado, Felipe retornou ao consultório com a mãe. A médica, após reavaliá-lo, surpreendeu-se com a mudança súbita em seu estado. “Estou diante de um milagre!”, exclamou ela. “Ele chegou desfalecido e, agora, está totalmente recuperado”. Diante da melhora, Felipe recebeu alta, seguindo o tratamento em casa.

Da. Patrícia recorda um momento tocante na despedida: “Enquanto eu guardava as receitas, a médica abraçou o Felipe e disse: ‘Salve Maria, Felipe!’ Ele respondeu prontamente. No carro, a mãe perguntou se o filho havia iniciado a saudação, e ele explicou que apenas a retribuiu. Naquele instante, a mãe teve a certeza da intervenção de Dona Lucília. ✧

¹ Trata-se da biografia de Dona Lucília, escrita por Mons João: CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Dona Lucília*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013.

Dona Lucília tem conquistado a confiança de devotos de todos os quadrantes e os auxiliado nos mais diversos pedidos, dificuldades e necessidades

Dona Lucília em Paris, no ano de 1912





Fotos: Sergio Céspedes

Campos dos Goytacazes (RJ) – No dia 11 de julho deu-se a dedicação e bênção do altar do Oratório São Paulo Apóstolo, pertencente aos Arautos do Evangelho. A cerimônia foi presidida pelo Bispo Diocesano, Dom Roberto Francisco Ferreria Paz, e concelebrada pelo Vigário-Geral, Mons. Leandro de Moraes Diniz, pelo pároco local, Pe. Dênisson Martins, e por numerosos sacerdotes da diocese e dos Arautos.



Fotos: Sergio Céspedes

São Paulo – Uma solene procissão com a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, animada por jovens do centro de formação sacerdotal da Sociedade Clerical Virgo Flos Carmeli, marcou a 19ª edição da Expocatólica, no dia 25 de julho. Na ocasião a diretora do evento, Kiara Castro, coroou a imagem da Santíssima Virgem.



Fortalecidos pela confiança!

Mais de mil e quinhentos cooperadores dos Arautos do Evangelho participaram do congresso internacional realizado em três turmas, entre 17 e 26 de julho, no complexo da Casa de Formação Thabor. Períodos de Adoração ao

Santíssimo Sacramento, Missas, Terços processionais, exposições e círculos de estudo marcaram as jornadas. Cada participante recebeu como lembrança um exemplar de *O livro da confiança*, de autoria do Pe. Thomas de Saint-Laurent.



Fotos: Leandro Souza

Stephen Nami



Fotos: Francisco Espínola



Fotos: Dsilva



Paraguai – O Cardeal Adalberto Martínez Flores, Arcebispo de Assunção, celebrou no dia 2 de agosto a Solene Eucaristia de tomada de posse do Pe. Kirthan Carlo, EP, como pároco da Igreja de Santo Isidoro Lavrador, na cidade de Limpio. A Santa Missa foi concelebrada por sacerdotes da diocese local e dos Arautos, e contou com numerosa assistência.

Fotos: César Yunes



Lesoto – Entre os dias 26 e 28 de junho, arautos residentes em Moçambique e na África do Sul realizaram uma fecunda missão mariana na Paróquia São Luís, em Matsieng. As atividades constaram de visitas às famílias, procissão, uma bela carreata e a recitação das mil Ave-Marias pela rainha consorte de Lesoto, que fazia aniversário.



Atividades na Itália

Fotos: Tiago Krüger



Instituição de ministérios – No dia 3 de julho, durante uma cerimônia realizada na Igreja de San Benedetto in Piscinula, em Roma, o Cardeal Raymundo Damasceno Assis, Arcebispo Emérito de Aparecida, conferiu o ministério de leitorado e acolitado a membros dos Arautos do Evangelho residentes na Europa.

Fotos: Tiago Krüger



Tríduo em honra a São Bento – Um tríduo de solenes Eucaristias marcou a preparação para a festa do padroeiro da Igreja de San Benedetto in Piscinula, entre os dias 8 e 10 de julho. Destacamos as Missas celebradas por Dom Luis Marín de San Martín, OSA, Prefeito do Dicastério para o Serviço da Caridade (foto 1); Dom Fortunatus Nwachukwu, Secretário do Dicastério para a Evangelização (foto 2), e Dom Jeremias Schröder, abade primaz da Confederação Beneditina (foto 3).

Fotos: Rogério Balciasso



Missões marianas – No mês de julho, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou as paróquias sicilianas Santa Maria do Carmelo, em Catânia (fotos 1 e 2), e São João Batista, em Messina (foto 3), espargindo suas bênçãos em igrejas, residências, colégios e casas de repouso.

Alain Patrick



Reflexo de uma missão celeste

Amada, bela, elevada, gota de mar, estrela... Tais são as possíveis interpretações do nome “Maria”. Será ao acaso que esse nome foi dado à Mãe de Deus?

✚ Miguel de Souza Ferrari



Thiago Tamura

“**A**dão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes” (Gn 3, 20).

“De agora em diante não te chamarás mais Abrão, e sim Abraão, porque farei de ti o pai de uma multidão de povos” (Gn 17, 5). “Tu és Simão, filho de João; serás chamado Cefas (que quer dizer pedra)” (Jo 1, 42).

Acostumados a considerar os nomes das pessoas, mesmo os nossos, apenas como uma convenção social, podemos não perceber toda a profundidade dessas passagens bíblicas. Por que o Altíssimo revestia de tanta solenidade um pormenor tão simples e corriqueiro quanto a escolha de um nome?

Não pensava como nós o povo hebreu do Antigo Testamento, que “considerava o nome de uma pessoa como portador de um significado transcendente, máxime se inspirado por Deus”,¹ como explica Mons. João. Assim, quando o Criador nomeava alguém, mostrava que este fora investido de uma missão celeste.

Um nome dado por Deus

Se a Bíblia apresenta tantos varões e damas providenciais cujo próprio nome carrega um propósito sobrenatural, é impossível supor que o Pai Eterno tenha dedicado menor atenção à escolha do nome de sua Predileta.

As Escrituras nada mencionam a respeito da infância de Nossa Senhora, nem da escolha de seu nome. Entretanto, segundo piedosas revelações particulares, ainda antes de Maria Santíssima ser concebida milagrosamente o Arcanjo Gabriel “comunicou em sonhos a Joaquim que sua esposa recebera uma visita celeste, revelando-lhe que conceberia uma Filha. E disse-lhe ainda que a Criança deveria chamar-se Maria”.²

Maria! Que universo de simbolismos se oculta sob este nome! Com propriedade afirmou Dr. Plínio Corrêa de Oliveira: “O Santíssimo Nome de Nossa Senhora, como o Santíssimo Nome de Jesus, deve ser considerado como nome simbólico de sua virtude excelsa, de sua missão, daquilo que Ela verdadeiramente é”.³

Mas quais aspectos da incomensurável missão da Rainha dos Anjos podem-se entrever através de seu Santo Nome?

Amada de Javé

A primeira Maria que aparece nas Sagradas Escrituras é a irmã de Moisés e de Aarão (cf. Ex 15, 20), provavelmente a mesma que instigara a filha do faraó a salvar das águas o profeta (cf. Ex 2, 4-10).

Isso levou os estudiosos a procurarem no idioma do Egito a etimologia do nome. Uma possibilidade é que ele

É impossível supor que o Pai Eterno tenha dedicado menor atenção à escolha do nome de sua Predileta

Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos - Casa de Formação Thabor, Caieiras (SP)

provenha de *Myr-yayam*, ou seja, “a Amada de Javé”.⁴ Quão apropriada se revela essa interpretação quando aplicada à Virgem: Aquela que foi objeto do amor divino desde toda a eternidade, traz no próprio nome a marca de sua predestinação! Ademais, o fato de esse nome se relacionar com a irmã de Moisés – que colaborou na libertação do povo eleito – pode aludir ao tradicional papel atribuído a Maria Santíssima na Redenção do gênero humano operada por seu Divino Filho.

Contudo, por mais belas que sejam essas interpretações, filólogos e exegetas não se contentaram com elas. Quiçá impelidos por um sopro da graça, prosseguiram em suas investigações.

Cumulada de dádivas

Após considerar a Virgem como receptáculo do amor infinito do Criador, a Mariologia a contemplou repleta de dons e graças, corolários da benevolência celestial. Daí a hipótese de o nome Maria provir de *mārā*, termo que pode ser entendido como *bela*.⁵ Encontramos aqui Nossa Senhora como a *tota pulchra*, a toda formosa aos olhos do Altíssimo (cf. Ct 4, 7).

Cumulada de dádivas, foi Ela elevada acima de toda a criação, alteando-se “como a aurora, bela como a Lua, brilhante como o Sol” (Ct 6, 10). Por essa razão, Maria pode também significar “a excelsa”.⁶ Assim, como diante de Deus Ela é a *amada* e a *formosa*, em relação ao restante da criação Ela aparece de tal modo sublimada que Se tornou, por direito, a soberana – donde *Senhora* ser a interpretação siríaca desse Santo Nome.⁷

Luz nas trevas do mundo

A plenitude de graças torna fulgurante a alma da Virgem, verdadeira fonte de luz. Como afirma São Tomás de Aquino, “Ela é devidamente chamada Maria, que quer dizer, ‘iluminada em Si mesma’, donde se aplica a Maria o que disse Isaías: ‘O Senhor encherá tua alma de esplendores’ (Is 58, 11)”.⁸ Ora,



“Ó tu, quem quer que sejas, que te sentes longe da terra firme, arrastado pelas ondas deste mundo, se não queres soçobrar, não tires os olhos da luz desta estrela”

“Tempestade no mar”, por Pieter Mulier - Museu Estatal Hermitage, São Petersburgo (Rússia)

como ocorre com os astros celestes, tanta luz precisa difundir-se; por isso, seu nome “também quer dizer ‘iluminadora dos outros’, em relação a todo o mundo; por isso, Maria é comparada ao Sol e à Lua”.⁹

Maria é, pois, como um astro celeste a nos iluminar nas trevas deste mundo. Daí a interpretação, muito difundida na Idade Média – embora filologicamente imprecisa – de Maria significar *estrela do mar*: Aquela que nos guia em meio às tribulações do *mare magnum* em que vivemos.

Nesse sentido, vem a propósito citar o celeberrimo excerto do Abade de Claraval: “Ela, pois, é aquela nobre estrela nascida de Jacó, cujos raios iluminam todo o orbe, cujo esplendor brilha nas alturas e penetra os abismos. [...] Ó tu, quem quer que sejas, que te sentes longe da terra firme, arrastado pelas ondas deste mundo, no meio das borrascas e tempestades, se não queres soçobrar, não tires os olhos da luz desta estrela”.¹⁰

Gota da divindade

Mencionamos que a tradução *estrela do mar* não é inteiramente correta do ponto de vista linguístico. De fato, ela provém de um lapso, quiçá por erro material de um copista, da interpretação de São Jerônimo: de *stilla maris* – gota de mar – derivou-se *stella maris* – estrela do mar.¹¹

Embora o equívoco tenha sido, de certa forma, providencial, não podemos deixar de contemplar Maria como uma “gota” do mar da divindade. Se uma “gota de graça” vale mais do que toda a obra da criação – como Mons. João gostava de parafrasear São Tomás¹² –, quanto não valerá essa “gota” divina que é Maria? A tal ponto Ela é plena de Deus que o Arcanjo Gabriel, na Anunciação, substituiu seu nome pelo título “Cheia de Graça” – *kecharitomene* – (Lc 1, 28), revelando que esta designação A identifica desde a eternidade e que de sua santidade provém todas as graças que recebemos.

Um brado de guerra

Se o nome de Maria significa *beleza e predileção* diante do Senhor, bem como *luz e graça* para seus filhos, o que representará ele para os inimigos de Deus?

A resposta não reside desta vez na filologia, mas na História. Com efeito, o Papa Inocêncio XI instituiu a celebração do Santíssimo Nome de Maria por ocasião da vitória na Batalha de Viena, em 12 de setembro de 1683. Esse triunfo miraculoso, que salvou a Cristandade da invasão maometana, foi atribuído à invocação do nome de Maria, a quem estava consagrado o desenrolar do embate. Ali, junto aos Bosques de Viena – *Wienerwald* –, para os cristãos o nome de Maria se mostrou forte e alentador, e para os infiéis, “temível

como um exército em ordem de batalha” (Ct 6, 10).

Isso nos faz recordar as palavras de São Bernardo: “Se o vento das tentações se levanta, se o escolho das tribulações se interpõe em teu caminho, olha a estrela, invoca Maria”.¹³ Em qualquer dificuldade na qual nos encontremos – sobretudo quando nos deparamos com as ciladas do demônio, as atrações do mundo e a tirania da carne –, lembremo-nos sempre que o Santíssimo Nome de Maria é para nós brado de guerra e penhor seguro de vitória.

Nome carregado de bênçãos

Maria! Nome santíssimo, perfeitamente adequado à missão ímpar da Mãe de Deus. Ele nos revela que Nossa Se-

nhora foi amada desde toda a eternidade, cumulada das mais insígnies graças e elevada acima dos Serafins; Rainha e soberana, exerce seu mando com misericórdia e, iluminando os pecadores que caminham neste vale de lágrimas, guia seus passos como um luzeiro celeste, até que, protegidos dos ataques do inimigo, alcancem o oceano da divindade.

Se esse nome é tão carregado de bênçãos e a sua invocação tão poderosa, como não depositar nele toda a nossa esperança? Quem invoca Maria obtém de Deus tudo o que precisa. E, se alguém ainda hesitar, que faça o teste. A este, São Bernardo assegura: “Assim verificarás, por tua própria experiência, com quanta razão foi dito: ‘E o nome da Virgem era Maria’”.¹⁴ ✦

¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.II, p.99.

² *Ibid.*, p.65.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 11/9/1964.

⁴ ROPERO BERZOSA, Alfonso. *Gran diccionario enciclo-*

pédico de la Biblia. 7.ed. Barcelona: Clie, 2021, p.1700.

⁵ Cf. BORN, Adrianus van den. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2004, col.946.

⁶ ROPERO BERZOSA, op. cit., p.1700.

⁷ Cf. SANTO ISIDORO DE SEVILHA. *Etymologiarum*. L.VII, c.10, n.1: PL 82, 289.

⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Expositio salutationis angelicæ*, a.1.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *De laudibus Virginis Matris*. Homília II, n.17: PL 183, 70.

¹¹ Cf. SÃO JERÔNIMO. *Liber de nominibus hebraicis*.

Novi Testamenti: PL 23, 886; BORN, op. cit., col.947.

¹² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.113, a.9, ad 2.

¹³ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL, op. cit., 70.

¹⁴ *Ibid.*, 71.

Reprodução



Na Batalha de Viena, o nome de Maria se mostrou forte e alentador para os cristãos, e para os infiéis, “temível como um exército em ordem de batalha”

“A libertação de Viena”, por Frans Geffels - Museu de Viena

...que o Santo Lenho esteve escondido durante séculos?

Durante séculos, a Judeia – território dominado pelo Império Romano – guardou profundo segredo: o paradeiro da Cruz de Cristo. Foi apenas em 326 que Santa Helena, mãe do Imperador Constantino e fervorosa cristã, decidiu empreender peregrinação à Terra Santa, acompanhada de uma expedição, em busca da mais preciosa relíquia da Cristandade.

O trabalho de escavação foi árduo. O Monte Calvário havia sido soterrado e nivelado pelos romanos, ao transformar o local sagrado em esplanada. Sem embargo, após semanas de labuta, a equipe de operários finalmente revelou a topografia original. A surpresa veio em seguida: numa investigação mais profunda, encontraram-se três cruzes!

Restava saber qual delas seria o penhor de nossa salvação...

Em meio à comoção geral o Bispo de Jerusalém, São Macário, suplicou a Deus que enviasse um sinal: “Dai-nos a conhecer, Senhor, de forma evidente, qual

destas três cruzes serviu para a vossa glória!” Ora, havia na cidade uma senhora enferma, desenganada pelos médicos. Ao ser tocada pelas duas primeiras cruzes, nada sucedeu. No entanto, ao entrar em contato com a terceira, a mulher recuperou instantaneamente a saúde. O prodígio não deixava dúvidas: a verdadeira Cruz fora encontrada!

Santa Helena depois dividiu a valiosa relíquia, com partes destinadas a Roma, a Constantinopla e a Jerusalém. Dada a devoção dos fiéis, essas porções foram posteriormente fragmentadas, permitindo que relíquias do Santo Lenho se espalhassem por todo o orbe cristão. De modo simbólico, pois, a Cruz continua de pé enquanto o mundo gira: *stat Crux dum volvitur orbis*. ✦



Reprodução

“Descoberta da verdadeira Cruz”, por Agnolo Gaddi - Basílica da Santa Cruz, Florença (Itália)

...por que rezamos com as mãos postas?

As mãos unidas, palma com palma, junto ao peito que reza: eis uma das posições mais habituais e expressivas da oração cristã. Seja o sacerdote durante o Sacrifício da Missa, seja o estudante aflito antes da prova, seja a mãe a interceder por seus filhos, a postura atravessa gerações e fronteiras. E

com a máxima razão, dadas as origens de tal tradição.

Essa atitude de súplica nasceu na Idade Média. Era o tempo do feudalismo em que, numa promessa de mútua ajuda e completa fidelidade, os homens se uniam hierarquicamente, não por frios contratos de letra morta e protocolo, mas por uma entrega pessoal. Um cavaleiro que se oferecia ao serviço de um suserano – fosse de um rei ou de outro superior – fazia seu juramento de fidelidade diante do senhor com as mãos juntas sobre o peito.

Também os soldados de Cristo – “*miles Christi*” (II Tm 2, 3) – começaram a dirigir-se assim ao Divino

General em suas preces, tornando-se o costume muito popular desde o século XII. A par do movimento generalizado em favor dessa prática, a própria Igreja a recomendou a seus filhos: no Sínodo de Oxford (1222), por exemplo, o Cardeal Langton orientou que os fiéis estivessem de mãos postas durante a elevação da Hóstia. Com o tempo, o gesto ganhou destaque nas cerimônias sagradas e veio a ser, com o uso, a posição de oração mais comum na Liturgia.

Ao unirmos as mãos para rezar, recordemos a profundidade desse ato: declaramos a Deus que somos seus vassallos e guerreiros. Que tal hábito nos inspire a pedir, humildemente, a fortaleza necessária para servi-Lo com lealdade e valor. ✦

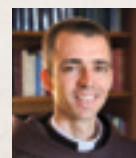
Orações após a Missa - Basílica Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)



Cartas e “e-mails”, autógrafos e automatismos

A História, mestra da vida, escreve suas lições não apenas nos grandes quadros da cronologia. As mais preciosas, quiçá, ela esboça nos pequenos testemunhos do cotidiano, tantas vezes banais para o tempo presente.

✎ **Diác. Gabriel Borges Bonfim Silva, EP**



Recordamos, talvez, a maior das banalidades ao afirmar que estamos longe – e quanto longe! – do tempo em que se escreviam cartas. Mas, prescindindo do óbvio, consideremos o quanto uma missiva pode continuar a ser, ainda no século da comunicação global e instantânea, um interessante objeto de análise social e psicológica.

Como conceber os movimentos interiores de quem escrevia ou recebia uma carta, se tão habituados estamos à comunicação vertiginosamente veloz do nosso dia a dia?

“Era como um *e-mail* da época”, dirá alguém. Mas a comparação, bem analisada, traz mais dessemelhanças que semelhanças e só pelo contraste nos ajudará a compreender a importância do escrever e receber cartas na vida do homem anterior à revolução cibernética.

Sem querer pleitear ingenuamente contra as inúmeras facilidades dos meios de comunicação modernos, ariscamos o paralelismo, a fim de compreender melhor o homem, o de ontem e o de hoje.

A carta é muito mais reveladora da personalidade de seu autor. Ainda em nossos dias, a grafologia utiliza a letra formada de próprio punho como elemento de discernimento psicológico. Sismógrafo inconsciente, a caligrafia delata as emoções, o temperamento e até mesmo as convicções mais interiores, chegando a traí-las ao desviar as entrelinhas...

Na maioria dos casos, projetava-se sobre o papel um pensamento amadurecido ou, ao menos, aqueles sentimentos profundos que resistem às primeiras impressões. Custava tempo sentar e escrever, custava adquirir papel e tinta. Nada se podia dizer em vão. Ora, a facilidade de um “clique” não propicia tantas vezes uma verborreia inútil e vazia?

A carta era um verdadeiro acontecimento. Quando pousava sobre as mãos do destinatário, trazia, por fora, o perfume das distâncias percorridas com quantos riscos e, por dentro, qualquer coisa da presença do remetente. Certamente são incomparavelmente mais versáteis os nossos *e-mails*, mas quem ousará afirmar que possuem a mesma poesia?

Nas antigas missivas, verdadeiramente se podia falar em autógrafos; nada entre a alma e o papel antecipava o pensamento, dirigindo-o, nem mesmo um corretor automático! Num ritmo natural, o pensamento deitava-se sobre o papel e o coração intuía as palavras cujas sonoridades seriam mais penetrantes. Que abismo entre os manuscritos e os automatismos...

Quando as ideias eram muito altas e os sentimentos muito profundos, as letras já não alcançavam a significação. Recorria-se à poesia, que é quase canção. Como afirmou Santo Agostinho, “não se pode expressar por palavras aquilo que se canta no coração. [...] Alegre-se o coração sem palavras e a imensidão das alegrias não conheça o limite das sílabas”.¹

* * *

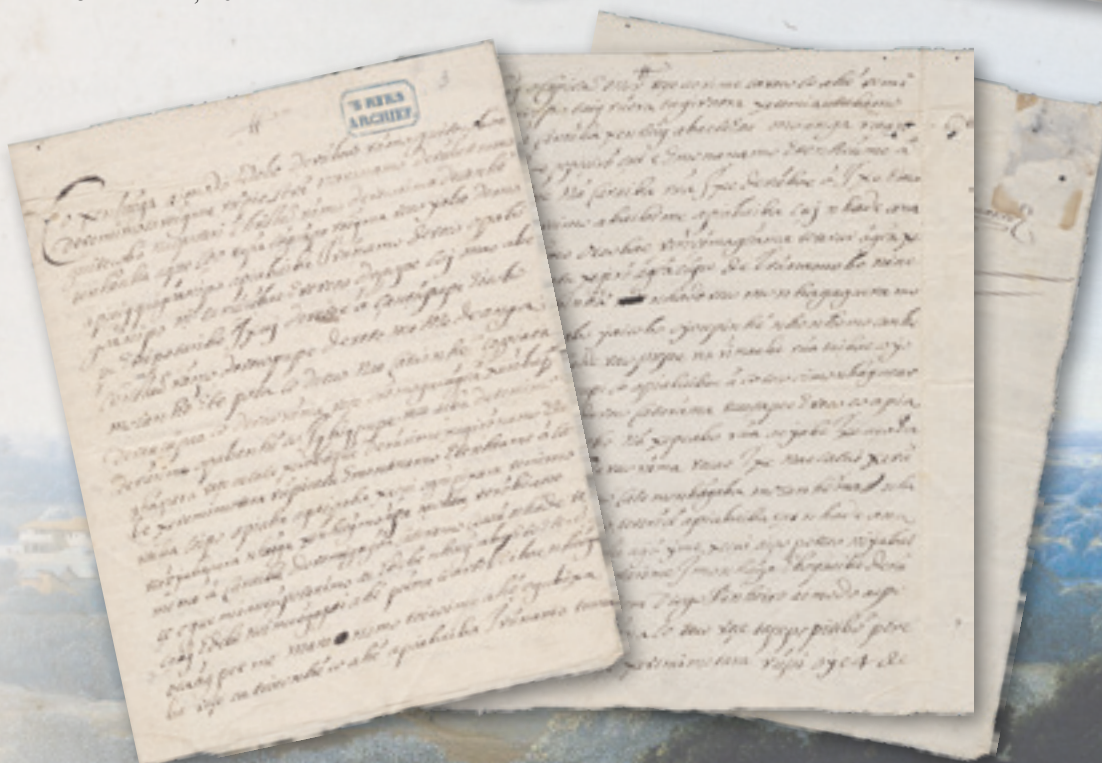
Observe o leitor, por um instante, as fotografias das cartas presentes nestas páginas. E, como desafio, perguntemos: é possível discernir alguma característica do seu autor? Quiçá a categoria social, um traço psicológico ou o estado de ânimo do remetente? Para

facilitar, adiantamos: trata-se de cartas escritas no século XVII, em terras brasileiras.

Não ajudou muito? Entretanto, seguramente será a missiva de um personagem ilustre, um nobre, um governador, um militar de alto escalão ou um burguês influente. Quem sabe se é a correspondência de algum colono destinada a outro colono ou à coroa portuguesa... talvez de algum descendente de Pero Vaz de Caminha ou... – já sei! – de um missionário jesuíta!

Examinando-as, é difícil saber o que dizem, mas seu aspecto não deixa dúvida: algo expressam de grande sentido intelectual, volitivo, passional e, frisemos, pessoal. A revelação de seu autor, ou de seus autores, bem como do surpreendente contexto que as envolve, será feita em um próximo artigo. ❖

¹ SANTO AGOSTINHO. *Comentários aos Salmos*. Salmo 32. Sermão I, n.8.



Em destaque, cartas do século XVII; ao fundo, paisagem brasileira, por Frans Post - Pinacoteca Antiga, Munique (Alemanha). Na página anterior, detalhe de "Homem escrevendo uma carta", por Gabriël Metsu - Galeria Nacional da Irlanda, Dublin

Paixão do Filho, martírio da Mãe

Ela sofreu, além de toda expressão, por tudo o que sofreu Jesus Cristo [...]. O que fazia sofrer São Lourenço, era a grelha ardente sobre a qual ele estava estendido; Santo Estêvão, as pedras com as quais foi lapidado; os confesores da fé, as prisões, os cavaletes, o dente das feras, as unhas de ferro, a fome, a sede. Contudo, o amor que tinham a Jesus suavizava suas penas.

Para Maria, seu carrasco é o próprio amor ardente que Ela tem pelo Salvador. [...] As fadigas de Jesus, suas penas, suas tristezas, as perseguições, as calúnias de que Ele é objeto, a ingratidão que se aferra contra Ele, Ela as partilhou numa indizível medida.

Contudo, o que Ela fez sofrer no mais alto grau, foi a sangrenta imolação de seu querido Filho. Foi para Ela o martírio dos martírios.

Pe. Charles Rolland